



FAMINAS
VIRTUAL

SOCIOANTROPOLOGIA

A554s Andrade, Vitória Fernanda Schettini
 Socioantropologia. / Vitória Fernanda Schettini Andrade;
 Adriana Alves de Almeida; Mariana de Lazzari Gomes (rev.). –
 Muriaé: FAMINAS, 2024.
 86p.

1. Socioantropologia. I. Andrade, Vitória Fernanda Schettini. II.
Almeida, Adriana Alves de. III. Gomes, Mariana de Lazzari (rev.).
IV. Título.

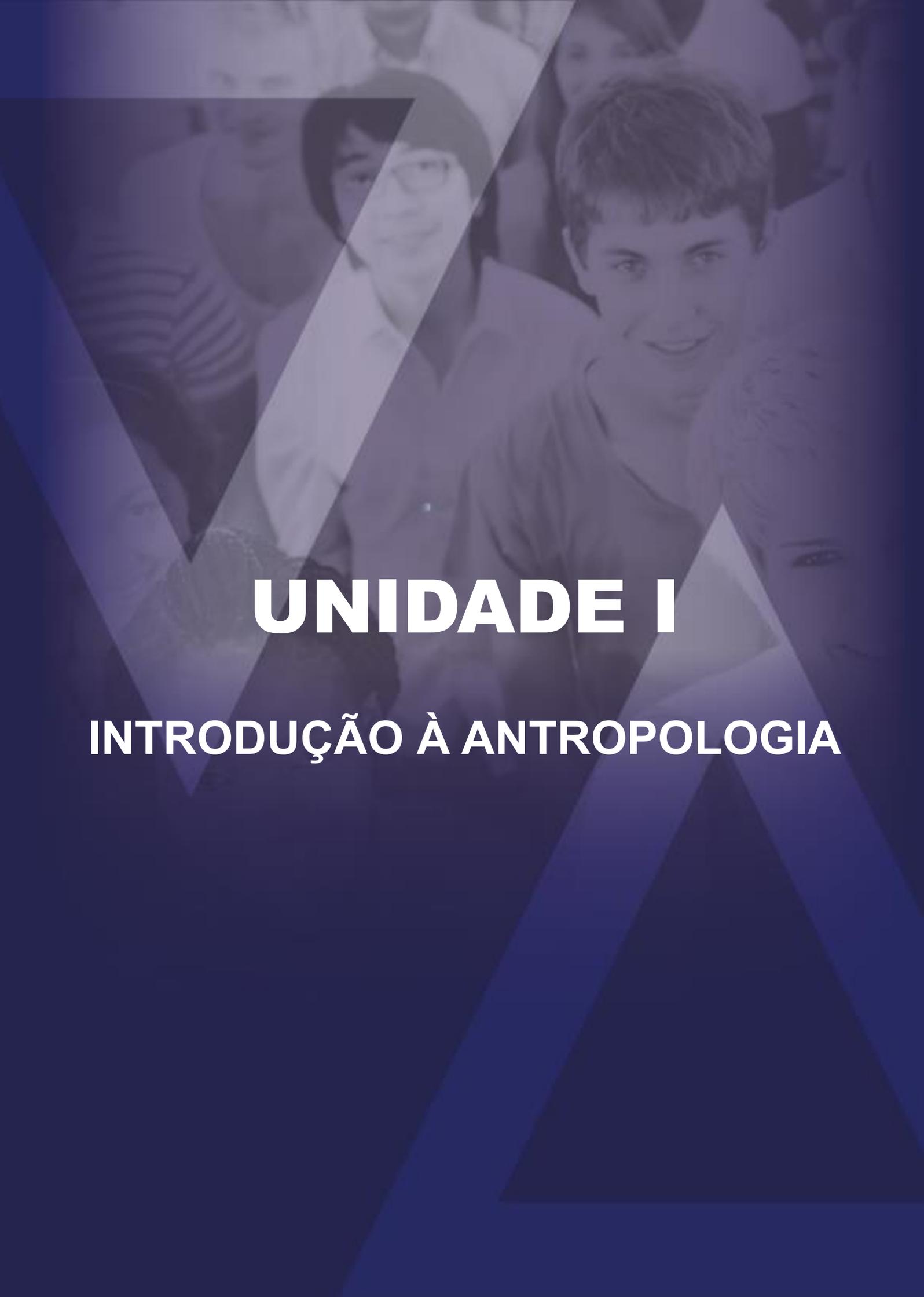
CDD: 301

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca FAMINAS

SUMÁRIO

UNIDADE I: INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA	5
OBJETIVOS	6
INTRODUÇÃO	6
NO QUE DIZ RESPEITO À ANTROPOLOGIA	7
PARA REFLETIR.....	10
OS SENTIDOS DA ANTROPOLOGIA	11
INDICAÇÃO DE VÍDEO.....	13
UNIDADE II: HOMEM E A NATUREZA	14
OBJETIVOS	15
COMO SURTIU A SOCIOLOGIA	15
A DUPLA REVOLUÇÃO	18
A SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA	21
POSITIVISMO	22
O IMPERIALISMO E O CONHECIMENTO	23
OS PRECURSORES DA SOCIANTROPOLOGIA	27
A SOCIOANTROPOLOGIA E O DIREITO	29
INDICAÇÃO DE VÍDEO.....	30
UNIDADE III: CULTURA E SOCIEDADE	31
OBJETIVOS	32
CULTURA: UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO	32
OBJETIVOS E CAMPOS ANTROPOLÓGICO.....	33
O PERCURSO ANTROPOLÓGICO	36
INDICAÇÃO DE VÍDEO.....	37
PRINCIPAIS CORRENTES ANTROPOLÓGICAS QUE SURTIRAM AO LONGO DO TEMPO.....	39
INDICAÇÃO DE VÍDEO.....	40
LEITURA COMPLEMENTAR.....	41

UNIDADE IV: A SOCIOLOGIA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	46
OBJETIVOS	47
A CONTRIBUIÇÃO DE MAX WEBER PARA A SOCIOLOGIA	49
A TEORIA DA RACIONALIDADE E DA DOMINAÇÃO	53
KARL MARX.....	56
LEITURA COMPLEMENTAR.....	60
SUGESTÃO DE VÍDEO.....	62
RESUMO DA UNIDADE	63
UNIDADE V: DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO- BRASILEIRA E AFRICANA.....	63
OBJETIVOS	72
INTRODUÇÃO	65
A LEI 10.639/03 E SUA FUNÇÃO	65
BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ÁFRICA.....	66
HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL.....	68
REMUDO DA UNIDADE.....	70
UNIDADE VI: O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	71
OBJETIVOS	72
INTRODUÇÃO	72
O SER HUMANO COMO SER SOCIAL	73
MAS O QUE É SOCIALIZAÇÃO?	73
AGENTES DO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	75
OS PAPÉIS SOCIAIS	76
O SENTIDO DO STATUS SOCIAL.....	77
OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NO PROCESSO.....	78
REFERÊNCIAS	79



UNIDADE I

INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA



OBJETIVOS:

- ✦ **Conceito de Antropologia.**
- ✦ **Estudo antropológico das sociedades primitivas e na sociedade moderna.**
- ✦ **Definir as origens e o campo de estudo da Antropologia;**
- ✦ **Compreender a importância da história para o conhecimento antropológico;**

INTRODUÇÃO

“O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e invenções. ”

Roque Laraia de Barros.

Figura 1 – de truthseeker08



Fonte: Pixabay

“Os indivíduos, em todo o mundo, vivem em grupo. E as consequências da vida em grupo são o objeto de estudo da Sociologia.”

Caroline B. Rose.

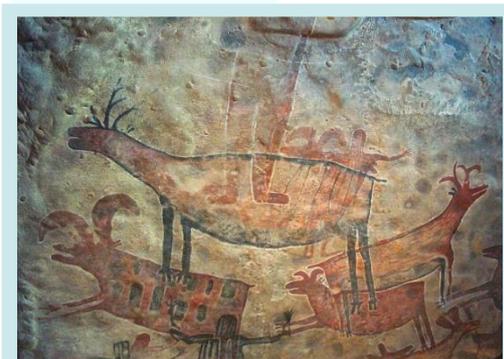
Estudar o homem é um dos grandes desafios da atualidade. A Socioantropologia, ciência que se funde entre duas áreas do conhecimento (Antropologia e Sociologia) é uma das ciências que preocupa em conhecer cientificamente o ser humano em sua totalidade.

Apesar de serem ciências independentes, ambas se complementam e se completam.

Para sua compreensão vamos partir do princípio de entendê-las separadamente, para então observar suas afinidades.

NO QUE DIZ RESPEITO À ANTROPOLOGIA

Figura 2



Fonte: Pixabay

A Antropologia há poucas décadas conquistou seu lugar de destaque entre as ciências. O início (século XIX) recebeu o apelido de “a ciência das sombras”, pelo fato de estudar praticamente tudo que não interessava às outras ciências humanas. Era dedicado a quem tinha dinheiro e tempo, um “passatempo de amadores abastados”.

Ainda hoje continua associando erroneamente a uma disciplina com macacos, esqueletos, índios, cacos, povos primitivos, folclore e coisas exóticas.

Figura 3



Fonte: Robin Higgins por Pixabay

Mas se não é isto, o que é então antropologia?
O que o antropólogo faz e estuda?
Para que serve a antropologia?

Podem parecer bobas as perguntas, mas não são. Quando afirmamos que antropologia é a ciência do homem estamos indo muito além, visto que existem várias ciências que estudam o homem, como a biologia, psicologia, sociologia.

Parece complicado, mas não é!

Bem verdade que os diversos campos de estudo que abarcam a antropologia é vasto e diversificado na maneira de fazê-lo. Assim, existem antropólogos de diversos países e épocas que possuem temas e interesses diferentes uns dos outros.

Na busca da compreensão humana em sua totalidade, Marina de Andrade Marconi e Zélia Maria Neves Presoto, (2001: 23) confere a disciplina um tríplice aspecto:

CIÊNCIA SOCIAL



Propõe conhecer o homem enquanto elemento integrante de grupos organizados.

CIÊNCIA HUMANA



Volta-se especificadamente para o homem como um todo: Sua história, suas crenças, usos e costumes, filosofia, linguagem, etc.

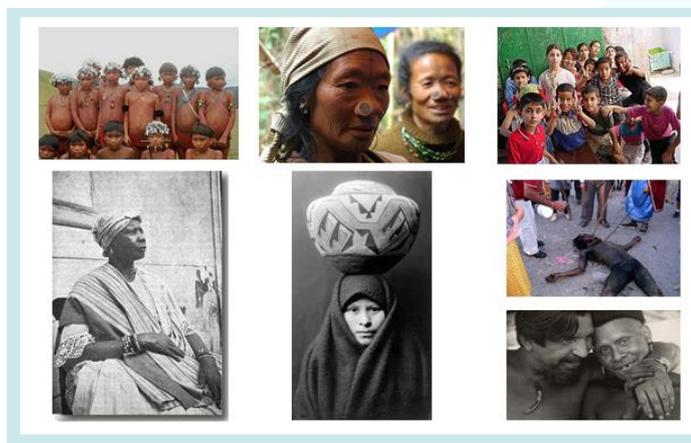
CIÊNCIA NATURAL



Interessa-se pelo conhecimento psicossomático do homem e sua evolução.

Vemos, portanto, que a antropologia é muito mais ampla do que simplesmente o estudo do homem, mas se preocupa com o homem em todas as atividades geradas a partir de sua existência e vivência humana, em seu todo (seja no âmbito cultural, econômico, social, político, religioso, etc) e em diversos momentos históricos. Relacionam-se, assim, como as chamadas ciências biológicas e culturais; as primeiras visando o ser físico e as segundas o ser cultural (MARCONI; PRESOTO, 2001).

Figura 4



Ocasionada por sua diversidade e campos de interesse, a antropologia não sobrevive sozinha, precisa da colaboração de outras áreas do saber, mas possui uma unidade, vez que seu foco de interesse é o homem e a cultura. Neste sentido dialoga intensamente com a Sociologia, por lhe dar suporte para a compreensão deste homem social.

Parece claro a todos que o objeto de estudo da antropologia é, de fato, o homem e suas obras. Tais objetos englobam, desde as formas físicas primitivas, bem como as atuais e todas das formas de manifestações culturais. A compreensão destes princípios, constituem tarefa do antropólogo.

Vejam bem, para a minha formação profissional, em diversos campos de atuação, necessito compreender a evolução humana acima descrita para uma atuação crítica, ética, política, social e econômica da sociedade que me cerca. Tal fator me proporcionará entender o papel assumido enquanto ser individual e social do mundo que me cerca, sentindo agente e transformador do meio no qual vivo.

Hoje se observa que a antropologia cresceu: trabalhos publicados, mais especializações, mais teorias, mais técnicas de pesquisa. Mesmo com todos os problemas das ciências atuais, a antropologia deixou de ser criança e virou um adolescente. Existe uma relação com a construção deste conhecimento e a todo momento a antropologia bebe nas águas profundas da interpretação histórica metodologicamente.

De acordo do Claude Lévi-Strauss:

“A história não está ligada ao homem, nem a qualquer objeto em particular. Consiste inteiramente no seu método; a experiência comprova que ele é indispensável para inventariar a integralidade dos elementos de uma estrutura qualquer, humana ou não humana. Longe, portanto, de a pesquisa da inteligibilidade resultar na história como o seu ponto de chegada, é a história que serve de ponto de partida para toda a busca de inteligibilidade. Assim como se diz de certas carreiras, a história leva a tudo, mas contanto que se saia dela.”

Claude Lévi-Strauss. O Pensamento Selvagem. São Paulo: Nacional, 1976



PARA REFLETIR

Após esta breve introdução sobre a Antropologia, o que acham de fazermos uma pesquisa sobre um dos maiores antropólogos da humanidade?

CLAUDE LÉVI STRAUSS. Seria uma forma de crescimento intelectual e profissional. Leia, depois vá até o fórum na disciplina e troque ideias a seu respeito. Será um prazer recebê-los por lá.

OS SENTIDOS DA ANTROPOLOGIA

CONCEITO

O termo antropologia deriva do grego, sendo formado a partir da junção de duas palavras: *Anthropos* (homem) e *Logos* (conhecimento). Significa em linhas gerais, portanto, conhecimento do homem. Por outro lado, nada é mais vago que esta definição, uma vez que qualquer área das ciências humanas também busca conhecer o ser humano. Definido o sentido etimológico do termo, portanto, à sua origem, é preciso definir de forma mais precisa o seu sentido concreto e o campo de estudos da antropologia, e podemos fazer isto, por exemplo, a partir da seguinte pergunta:

Porque, habitualmente, comemos frango assado aos domingos, mas não temos o hábito de comê-lo nos dias de semana?

Vejam, então: nos domingos, as padarias colocam frangos assados girando na entrada (a popular televisão de cachorro), as pessoas compram, levam para casa e o almoço está garantido. Nos dias de semana o frango assado não é exposto e, quando as pessoas comem frango, normalmente é cozido, e não assado. Porque, em uma perspectiva antropológica, isto ocorre? A resposta a esta pergunta ajuda a esclarecer o sentido do conhecimento antropológico e, por isto, vamos trabalhar este tema, aparentemente trivial.

1. Domingo é um dia nobre; um dia que possui um sentido religioso que o diferencia dos demais dias da semana, que são dias profanos. A palavra domingo vem do latim *die dominicus*, que significa dia do senhor, assim como *dimanche* (domingo em francês) e *domenica* (domingo em italiano). Domingo, portanto, no Ocidente, é o dia consagrado a Deus, assim como os demais dias da semana, são consagrados ao trabalho profano. E no domingo, por ser o dia do Senhor, não se trabalha;
2. Domingo é o dia do lazer. É um dia festivo, *sunday* (domingo em inglês), significa dia de sol, assim como *sonntag* (domingo em alemão) também significa dia de sol. O domingo, portanto, é um dia consagrado e festivo: etimologicamente, é um dia ensolarado;
3. Toda civilização cria princípios referentes à alimentação, e um princípio universalmente presente e compartilhado em todas as civilizações historicamente conhecidas define a diferença entre a carne assada e a carne cozida. Universalmente, a carne assada é nobre em relação à carne cozida. Assar a carne confere a ela um status diferenciado, coloca-a a em um patamar superior, ao passo que a carne cozida é vista como alimento cotidiano. Ora, esta distinção universalmente aceita entre o assado e o cozido reflete-se na distinção cultural entre o frango assado e o frango cozido.

Figura 1 – Frango assado



Figura 2 – Frango cozido



O frango assado, por ser assado, é nobre, destina-se a dias especiais, ao passo que o frango cozido é plebeu, vulgar, destina-se à refeição cotidiana. O domingo, por ser um dia nobre, é o dia no qual nos alimentamos de forma diferenciada. A alimentação, no domingo, não tem o sentido meramente utilitário que possui nos demais dias da semana. O almoço do domingo possui um sentido cultural que o diferencia e, por isto, o prato a ser servido também deve ser diferenciado: entre tantos outros, o frango assado, nobre precisamente por ser assado. Mas, então, o que isto tem a ver com a antropologia?

É a dimensão cultural e simbólica dos procedimentos humanos por exemplo, comer frango assado aos domingos que a antropologia busca compreender. Este é o seu campo de estudo e é a definição deste campo que a define enquanto ciência e a diferencia das demais disciplinas científicas que, para retomar a origem etimológica do termo, também buscam conhecer o homem.

Retomemos, ainda, o tema da alimentação. Em relação a este tema, há alguns tópicos a serem estudados e que nos ajudam a definir o sentido e o objeto de estudo da antropologia. Vamos a eles:

1. Animais comem por uma questão de sobrevivência e comem qualquer coisa que atenda às suas necessidades orgânicas. Nós, seres humanos, não agimos assim. Não comemos o que, culturalmente, não é aceitável como alimento, mesmo que este alimento corresponda às nossas necessidades orgânicas (carne de cachorro, por exemplo, no caso dos ocidentais, ou carne de porco no caso dos judeus, ou carne, de uma forma geral, quando se trata de vegetarianos). Nossa alimentação é culturalmente condicionada e é este condicionamento cultural que constitui o campo de estudo do antropólogo;

2. O ato de comer, para o ser humano, é um ato ritual. Compartilhar o alimento com outras pessoas representa a demonstração e celebração dos vínculos que nos unem a estas pessoas. Quando, por exemplo, o alimento e principalmente o bolo é compartilhado com os convidados em uma festa de casamento ou de aniversário, são reforçados e comemorados os vínculos que unem os convidados aos noivos e aniversariante, e é igualmente o evento aniversário ou casamento que é celebrado a partir do alimento a ser compartilhado.

Por isto, este alimento deve ser ritual, ou seja, festivo, não sendo admitido, ou sendo visto com pouco caso o famoso arroz-de-festa o alimento vinculado ao cotidiano. Imaginem uma festa de casamento no qual o único alimento servido aos convidados seja arroz e feijão!

Figura 3 – Arroz e feijão



O ser humano prepara o seu alimento. Não comemos o que a natureza nos fornece exatamente como ela nos fornece. Somos carnívoros, mas não comemos carne crua, por exemplo. E mesmo os vegetais devem passar por um processo de preparação.

Quando fazemos isto, o alimento deixa de ser um produto natural e se transforma em um artefato, ou seja, em algo que é produzido a partir de padrões culturais.

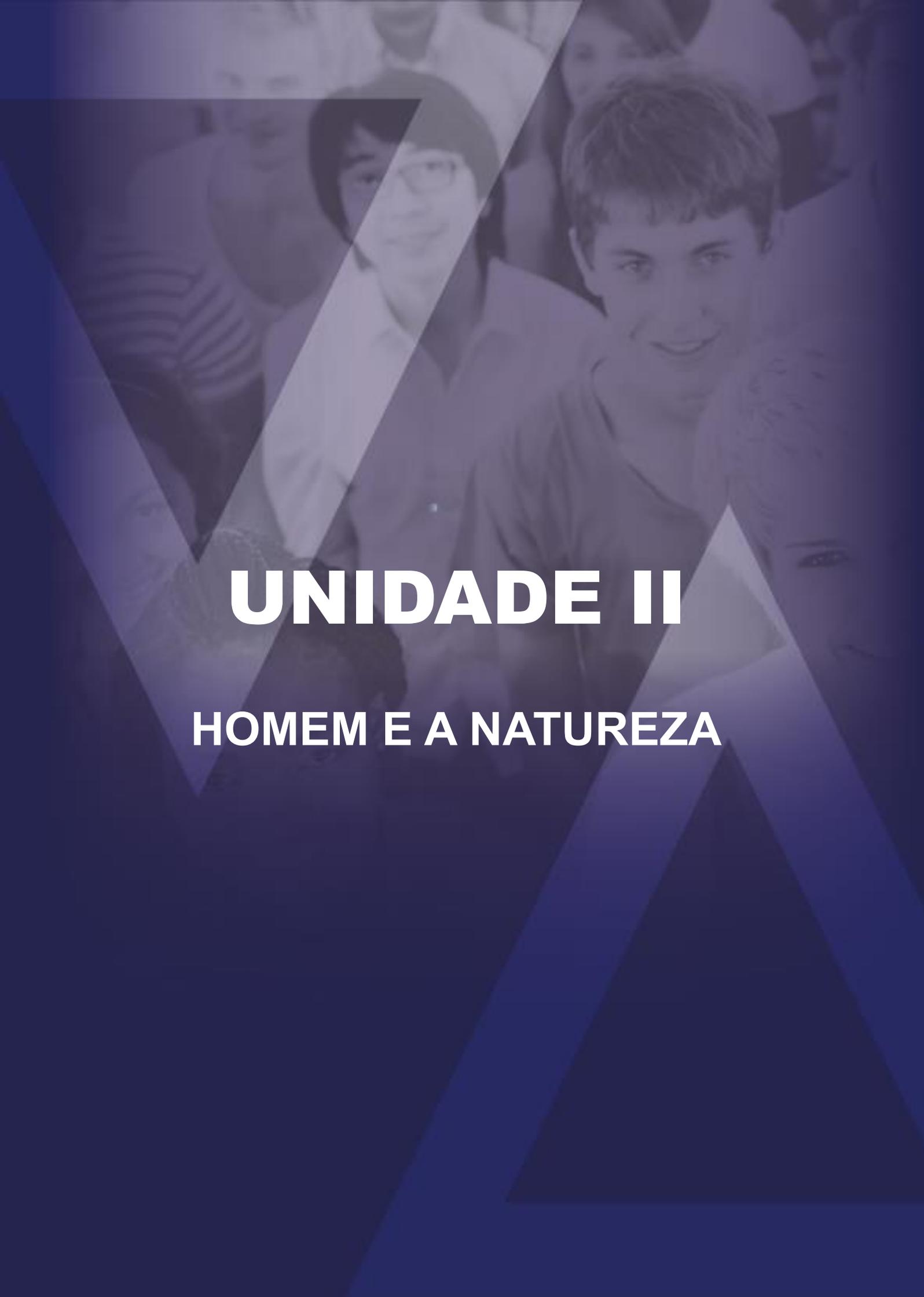
Com isto, a antropologia pode ser definida como o estudo dos padrões e comportamentos culturais adotados pelo ser humano.



INDICAÇÃO DE VÍDEO

Para entendermos melhor sobre a antropologia da alimentação, você pode assistir esse breve vídeo, é só clicar ou copiar o link abaixo.

Link: <https://youtu.be/MY2nIY5e-mA>



UNIDADE II

HOMEM E A NATUREZA



OBJETIVOS:

- ✦ **Características biológicas e culturais do homem nos diferentes grupos e épocas.**
 - ✦ **Características biológicas e culturais do homem nos diferentes grupos e épocas.**
 - ✦ **Compreender a relação entre a Revolução Industrial e o surgimento da sociologia;**
 - ✦ **Analisar o Positivismo enquanto ciência e o seu papel enquanto Filosofia Positiva.**
-

COMO SURTIU A SOCIOLOGIA

Para respondermos à pergunta é necessário voltarmos a Grécia antiga e fazermos uma revisão histórica passando pela Idade Medieval, Moderna até chegarmos ao século XXI.

Na Grécia antiga o homem procurava explicações inicialmente para aquilo que lhe estranhava e o que lhe incomodava. Buscava respostas através do senso comum, do misticismo, da tradição. Em consequência da busca humana para explicações das coisas, muitos campos do conhecimento surgem, como uma forma de rompimento de um mundo místico.

Dentre alguns filósofos gregos que se destacaram podemos citar: Sócrates, Platão e Aristóteles.

Figura 1



Sócrates baseado no método de perguntas e respostas procurava soluções às indagações para o entendimento do ser humano. Partia sempre daquilo que não conhecia, pela ignorância. Na sua visão o homem seria o artífice de sua felicidade ou infelicidade.

Platão terá uma preocupação voltada para o entendimento do social. Filho de família nobre e interessado pelos estudos políticos, afirma que, mesmo a Grécia possuindo os primeiros traços de um governo democrático, não poderia ser considerada uma democracia plena, já que era uma sociedade extremamente hierarquizada.

Aristóteles um dos maiores filósofos gregos afirmava que o homem é um ser social por natureza e baseado em um mundo real chega à conclusão de que as coisas seriam formadas por um conjunto de coisas singulares, uno e universal. Assim, não havia nenhum indivíduo como o outro. João era único, bem como José. Mesmo sendo gêmeos univitelinos eram indivíduos que possuíam sua especificidade própria.

Na Idade Média o entendimento social se volta para a Igreja. Todos os conhecimentos deveriam ser produzidos baseados no teocentrismo (Deus o centro de todas as atenções) Daí as produções serem voltadas para explicações do homem enquanto ser possuidor de fé. Santo Agostinho, por exemplo, em sua obra *A Cidade de Deus*, achava que entre os homens e a cidade reinava o pecado. Propunham então, normas para que o homem se libertasse do pecado descrevendo a sociedade numa perspectiva religiosa muito acentuada.

Porém, com a evolução e expansão comercial, a nova ordem social passa a predominar. Novas relações sociais são criadas. Era necessário ao homem moderno, adequar as mudanças ocorridas na sociedade. O período é turbulento, o conhecimento se volta para a descoberta do homem e do mundo que o rodeia e não mais algo puramente espiritual, a ponto de ser considerado por Eric Hobsbawm (HOBSBAWM, 2005) como a *Era das Revoluções*.

A cada desenvolvimento humano, seja no campo econômico, social, cultural, religioso e econômico, mais o homem lhe exigia para obter explicações racionais.

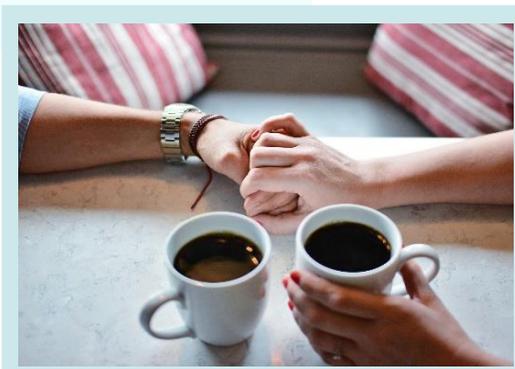
Um pouco mais livre, o homem pode a partir do Renascimento redescobrir o valor e o prazer de chegar mais perto do entendimento do mundo. Seria, pois, necessário entender melhor a vida social e como era organizada a sociedade, como os homens se comunicavam, alimentavam, brincavam, trabalhavam, relacionavam etc; para então, ter certo controle sobre esta mesma sociedade buscando através de explicações lógicas seu entendimento.

A sociologia como ciência surge, pois, num momento em que as explicações místicas e conhecimentos baseados em senso comum, não mais dão explicações plausíveis ao homem, mas poderia ser analisada por cientistas, numa tentativa de explicação racional da realidade social.

Assim, estudar sociologia não pode ser um processo simplesmente rotineiro de acúmulo de conhecimentos. É necessário pensar e ver estes hábitos além, pensar as coisas e acontecimentos num contexto mais abrangente.

De acordo com C Wright Mills (MILLS, 1960), a sociologia deve voltar para as coisas do dia a dia das pessoas. O que a princípio pode não aparentar significado algum, mas pode esconder ou ocultar detalhes que analisados de maneira mais abrangente nos proporcionará respostas profundas relativas aos indivíduos e seus relacionamentos sociais. O fato de tomar um café com os amigos pode ser uma ilustração interessante. Os valores simbólicos instituídos a partir do tomar um café, podem ser maiores do que simplesmente o ato de tomar um café em si.

Figura 2



Quando voltamos à atenção para as relações que envolvem a matéria prima (café) e toda implicação gerada a partir de sua produção até o ato de degustá-lo, pode ser questionado de maneira profunda: como o valor do produto, as relações de compra e venda o plantio, colheita, cultivo e preparo etc. Apesar de ser uma ação que se repete sempre

pode ser analisada de uma maneira mais intensa. Apesar de ser uma ação que se repete sempre pode ser analisada de uma maneira mais intensa.

Mas ela é também muito mais do que uma tentativa de explicar reflexivamente a sociedade moderna, pois, busca através de análises práticas, um desejo ou mesmo uma vontade de interferir nos destinos da civilização humana.

Na sociologia, toda e qualquer ação é importante, incluindo todos os interesses que afligem os grupos e classes sociais, que são divergentes e diversos.

Vemos que a sociologia possui vastas possibilidades de investigação, e com a antropologia não é diferente, como visto na postagem anterior.

“A sociologia é, portanto, o resultado de uma tentativa de compreensão de situações sociais, que podem ser novas ou não”

A DUPLA REVOLUÇÃO

A sociologia surgiu a partir da necessidade de compreender o que o historiador inglês Eric Hobsbawm chamou de “a dupla revolução”, que compreende a Revolução Francesa, ocorrida em 1789 e, Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra. Para entender o que levou à criação da Sociologia, vamos falar um pouco destas duas revoluções.

A Revolução Francesa teve seu ponto de partida no episódio conhecido como “A Queda da Bastilha”, ocorrido em 14 de julho de 1789, quando a população de Paris foi às ruas em protesto contra o rei Luís XVI, que exercia, até então, um poder absoluto. Foram eleitos, então, os Estados Gerais (Congresso de Representantes do Povo Francês), foi promulgada uma Assembleia Constituinte e a França se transformou em uma monarquia constitucional.

Figura 3 – Revolução Francesa

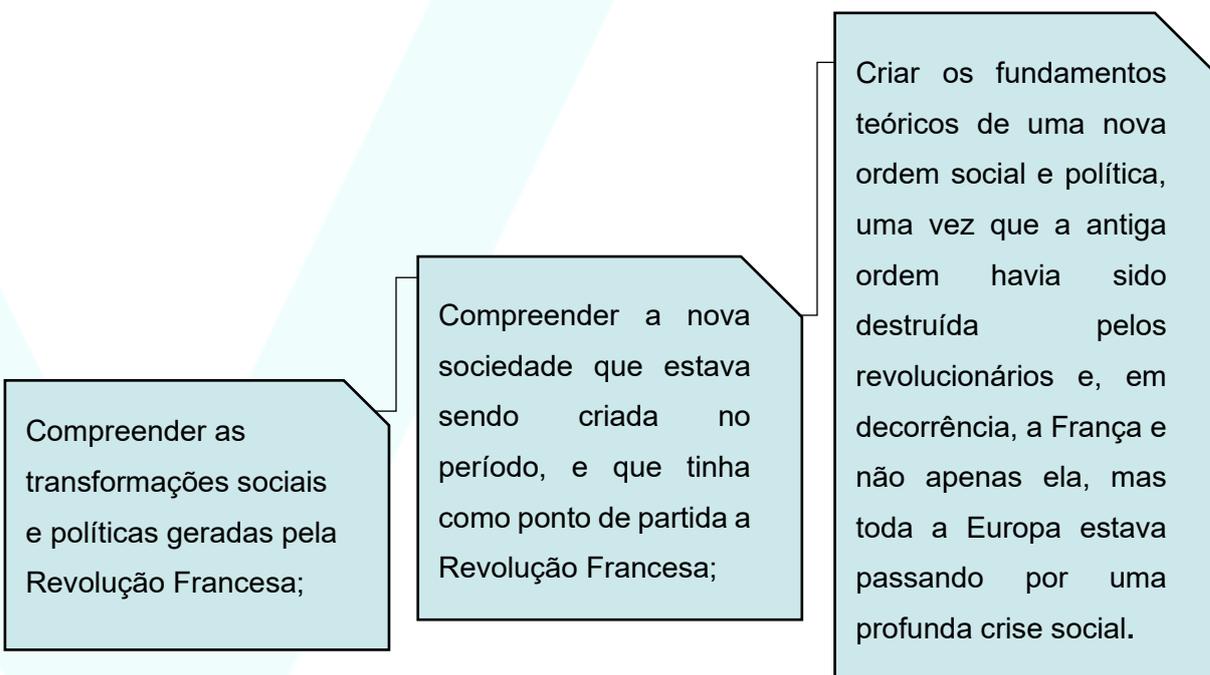


Mais tarde, o rei seria deposto e executado e a França se transformaria em uma república. E, no início do século XIX, Napoleão Bonaparte, depois de assumir o poder, faria se coroar imperador, com a França novamente se transformando em monarquia, até a família real dos Bourbon, deposta pela Revolução, reassumir o poder em 1815 e governar até 1830.

Mas, fica então a pergunta: O que a sociologia tem a ver com a Revolução Francesa?

A sociologia surgiu na França, na primeira metade do século XIX, a partir do trabalho de autores como Auguste Comte, nascido em 1798 e falecido em 1857 (que criou a expressão sociologia) e Alexis de Tocqueville, nascido em 1805 e falecido em 1859 (que escreveu um

livro sobre a Revolução Francesa, chamado “O Antigo Regime e a Revolução”), a partir das seguintes preocupações e objetivos:



A sociologia, portanto, surgiu para responder às demandas criadas pela Revolução Francesa, mas, outra revolução, na Inglaterra se espalhou pela Europa - a Revolução Industrial-, também foi um dos fatores que propiciaram o surgimento desta ciência.

Não se tratou, no caso, de uma revolução política. A Revolução Industrial, cujas origens podem ser datadas em aproximadamente 1760, tendo durado até aproximadamente 1840, foi um conjunto de transformações econômicas e sociais que fizeram com que a indústria se transformasse no principal setor da economia, substituindo o trabalho artesanal até então predominante. Com isto, a burguesia industrial se transformou na nova classe dominante, e uma nova classe social, até então praticamente inexistente - o operariado -, surgiu no cenário social da época.

Mas, novamente, fica a pergunta:
O que o surgimento da sociologia tem a ver com isto?

A Revolução Industrial transformou toda a sociedade do período, ou seja:

Criou novas classes sociais;

Fez com que a burguesia consolidasse seu poder como classe dominante;

Gerou um rápido e inédito processo de industrialização e urbanização, em um meio social até então predominante rural.

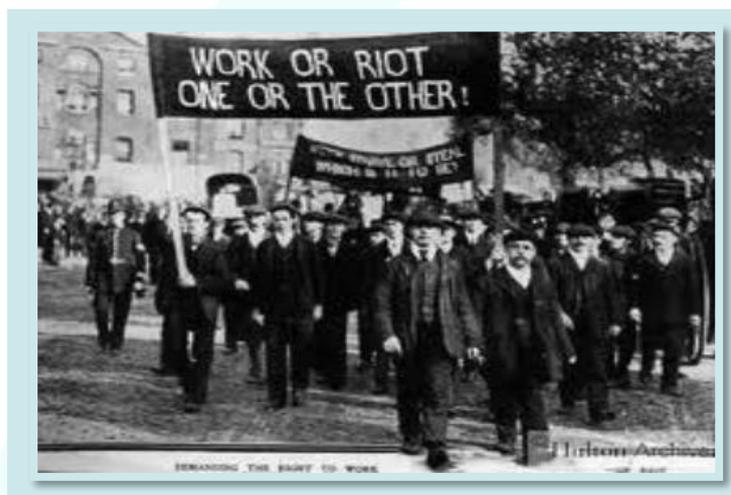
Figura 4 – Urbanização



Figura 5 – Desenvolvimento Econômico



Figura 6 – Proletariado



A SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA

Observamos na última postagem que a sociologia insere num momento de intensas mudanças, o que tem um relacionamento profundo com as alterações no modo de vida dos seres humanos. Mas foi Augusto Comte (1798-1857) o grande precursor da sociologia, por usar pela primeira vez o nome da palavra, em 1839 em seu curso de filosofia positiva. Mas é claro que muitos pesquisadores, antes e depois de Comte, auxiliaram para que o pensamento sociológico fosse considerado científico.

A sociologia, assim como havia surgido para tentar compreender as transformações geradas pela Revolução Francesa, surgiu também como uma tentativa de compreensão do impacto causado pela Revolução Industrial. E, no caso, foi Karl Marx, nascido em 1818, na Alemanha, e falecido em 1883, mas que passou boa parte de sua vida na Inglaterra, quem mais se dedicou ao estudo da Revolução Industrial. Marx nunca se considerou um sociólogo, mas, em seu trabalho, ao criar conceitos como luta de classes, materialismo histórico e determinismo ideológico, terminou por criar alguns dos alicerces da sociologia enquanto conhecimento científico.

O pensamento de Comte refletia exatamente a sociedade no qual ele vivia. Um período de intensas revoluções.

Tal cientista via a Sociologia como uma ciência *positiva* acreditando que a disciplina deveria ser aplicada aos estudos da sociedade, baseada em métodos científicos rigorosos, como a física e a química.

POSITIVISMO

A primeira corrente de pensamento sociológico propriamente dito foi o Positivismo, a primeira teoria a organizar alguns princípios a respeito do homem e da sociedade tentando explicá-los cientificamente. Seu primeiro representante e principal sistematizador foi o pensador francês Augusto Comte.

O Positivismo derivou do “cientificismo”, isto é, da crença e poder exclusivo e absoluto da razão humana em conhecer a realidade e traduzi-la sob a forma de leis naturais. Essas seriam a base da regulamentação da vida do homem, da natureza como um todo e do próprio universo. Seu conhecimento deveria substituir as explicações teológicas até então aceitas.

O Positivismo reconhecia que os princípios reguladores do mundo físico e do mundo social diferem quanto a sua essência, os primeiros diziam respeito a acontecimentos exteriores aos homens, os outros as questões humanas. Entretanto, a crença na origem natural de ambos teve o poder de aproximá-los. Além disso, a rápida evolução dos conhecimentos das ciências naturais: física, química biologia; e o visível sucesso de suas descobertas no incremento da produção material, controle das forças da natureza atraíram os primeiros cientistas sociais, para o seu método de investigação. Essa tentativa de derivar as ciências sociais das ciências físicas é patente nas obras dos primeiros a estudarem metodicamente a realidade social. O próprio Comte deu inicialmente o nome de “física social” as suas análises da sociedade, antes de criar o termo “sociologia”.

Entretanto, não era apenas quanto ao método de investigação que essa filosofia social positivista se aproximava das ciências da natureza. A própria sociedade foi concebida como um organismo constituído de partes integradas e coesas que funcionavam harmonicamente, segundo um modelo físico ou mecânico. Por isso o Positivismo foi chamado também de organicismo.

Podemos apontar, portanto, como primeiro princípio teórico desta escola a tentativa de construir seu objeto, pautar seus métodos e elaborar seus conceitos à luz das ciências naturais, procurando, dessa maneira, chegar à mesma objetividade e ao mesmo êxito nas formas de controle sobre os fenômenos estudados.

Figura 7 – Émile Durkheim



Vimos que Augusto Comte tem um papel preponderante na origem da Sociologia, mas foi Émile Durkheim (1858-1917) o grande colaborador para separar a Sociologia das Ciências Sociais e constituí-la definitivamente como disciplina rigorosa.

Abarcando um conhecimento extenso houve uma necessidade das Ciências Sociais se dividirem em diversas disciplinas, para facilitar a sistematização dos estudos e das pesquisas. Hoje abrange a Sociologia, a Economia, a Antropologia e a Política.

O IMPERIALISMO E O CONHECIMENTO

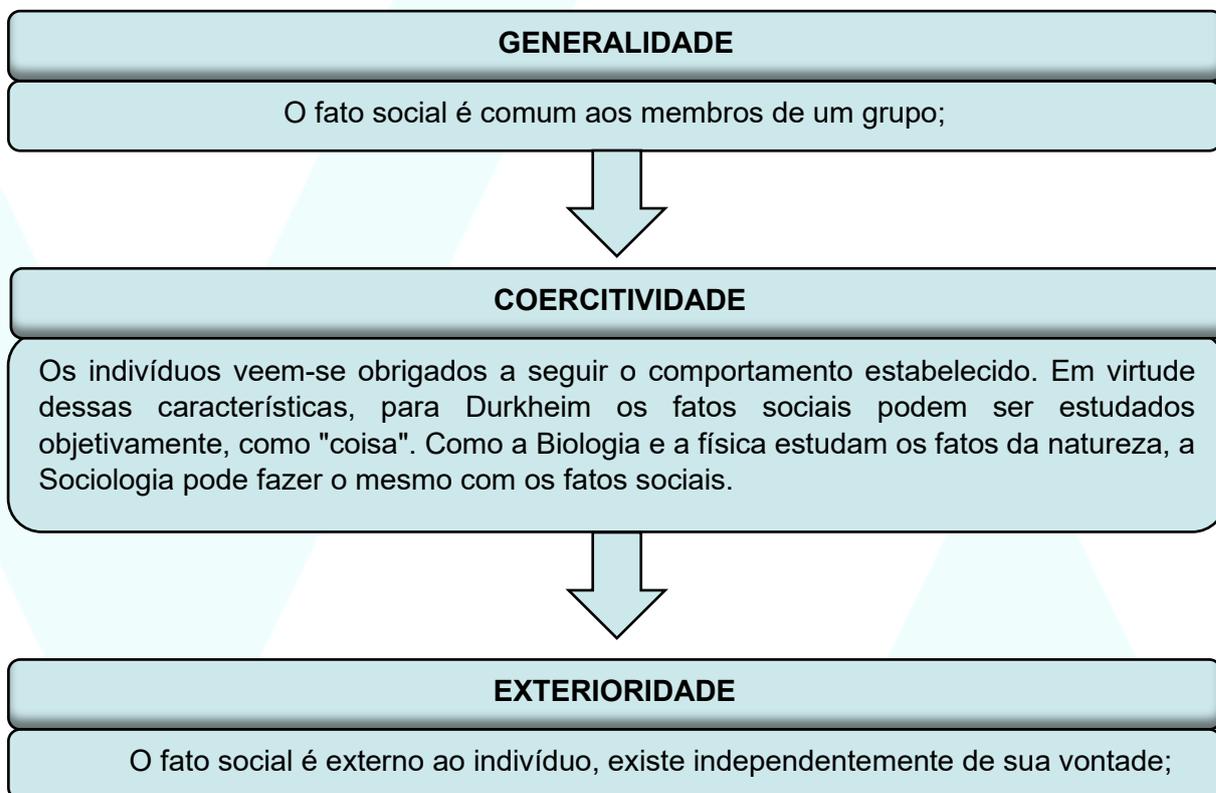
Foi Durkheim quem formulou as primeiras orientações para a Sociologia e demonstrou que os fatos sociais têm características próprias, que os distinguem dos que são estudados pelas outras ciências. Para ele, a Sociologia é o estudo dos Fatos Sociais.

Um exemplo simples elaborado pelo professor Pérsio Santos de Oliveira (OLIVEIRA, 2000), nos ajuda a entender o conceito de fato social, segundo Durkheim:

Se um aluno chegasse à escola vestido com roupa de praia, certamente ficaria numa situação muito desconfortável: os colegas ririam dele, o professor lhe daria uma enorme bronca e provavelmente a direção o mandaria de volta para pôr uma roupa adequada. Existe um modo de vestir, que todos seguem. Isso é estabelecido.

Quando ele entrou no grupo, já existe tal norma quando ele sair, a norma provavelmente permanecerá. Quer a pessoa goste, quer não, vê-se obrigada a seguir o costume geral. Se não o seguir, sofrerá uma punição. O modo de se vestir é um fato social. São fatos sociais também a língua, o sistema monetário, as religiões, as leis e uma infinidade de outros fenômenos do mesmo tipo.

Para Durkheim, os fatos sociais são os modos de pensar, sentir e agir de um grupo social. Embora existam na mente do indivíduo, são exteriores a ele e exercem sobre ele poder coercitivo. Podemos dizer que os fatos sociais têm as seguintes características:



Alguns países europeus, como a Inglaterra, a França, a Bélgica, a Alemanha e a Holanda, criaram, na segunda metade do século XIX e no início do século XX, impérios que abrangeram praticamente toda a África e boa parte da Ásia, transformando territórios asiáticos e africanos em colônias e protetorados europeus.

Destes países, foi a Inglaterra quem criou o império mais vasto. Na África, o que hoje são o Quênia, Uganda, Zimbábwe e África do Sul, por exemplo, faziam parte do império inglês e, na Ásia, a Índia, a China e o Oriente Médio ficaram sob domínio inglês.

Ao criar este império, a Inglaterra se viu diante de povos que, até então, eram praticamente desconhecidos dos europeus, e se viu diante da necessidade de compreendê-los para melhor governá-los. E foi esta necessidade, principalmente, que fez surgir a antropologia, inicialmente, uma disciplina científica voltada para a compreensão de outros povos.

Além disso, podemos considerar que a sociologia, nos períodos iniciais de seu desenvolvimento enquanto ciência foi uma disciplina essencialmente inglesa, tendo como seus precursores entre outros, autores ingleses como James Frazer, nascido em 1854 e

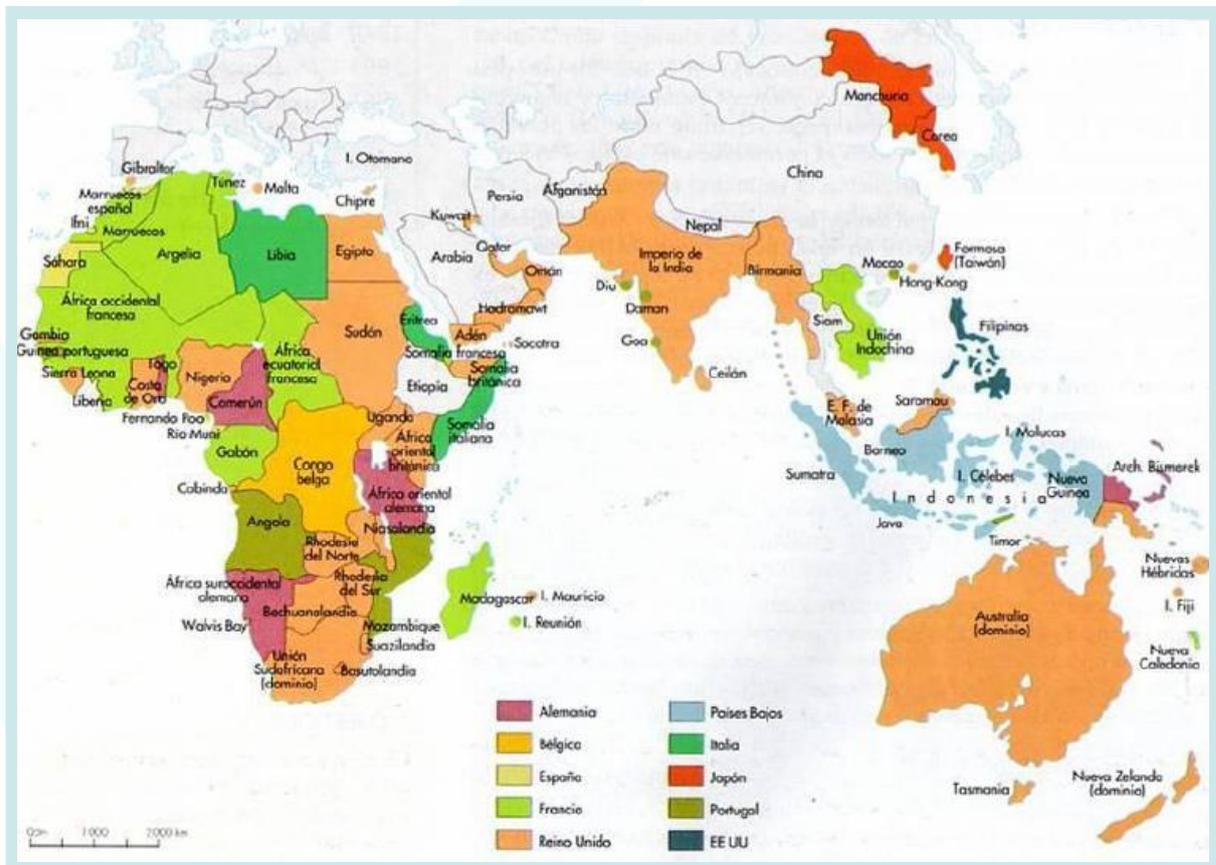
falecido em 1941, que publicou em 1891, um livro em 12 volumes e com milhares de páginas, chamado “O ramo de ouro” e, Edward Burnett Tylor, nascido em 1832 e falecido em 1917.

Os primeiros antropólogos foram evolucionistas, ou seja, acreditavam na existência de uma escala evolutiva da humanidade na qual os povos vistos como primitivos (que, não por acaso, eram os povos dominados pelos ingleses) situavam-se no nível mais baixo da escala, ao passo que os povos europeus, ou seja, os povos que dominavam os impérios criados na Ásia e na África) possuíam uma cultura superior, que deveria ser transmitida aos povos culturalmente inferiores e assimilada por estes.

O imperialismo pode ser compreendido como o domínio de vastas áreas do planeta – África e Ásia-, nos séculos XIX e XX pelas nações industrializadas, entre elas a Inglaterra, França, Alemanha, Holanda e Bélgica e, mais tarde, Estados Unidos e Japão. Dentre os motivos que justificavam o imperialismo podemos citar:

- Conquista de novos mercados consumidores;
- Busca de matéria-prima;
- Missão civilizadora;
- Crescimento demográfico da população europeia;

Figura 8 – Partilha da África e Ásia no período do Imperialismo início do século XX



O evolucionismo predominante no primeiro período da antropologia - o período de criação e consolidação da disciplina - seria muito criticado, nas primeiras décadas do século XX, por antropólogos ingleses como Bronislaw Malinowski, nascido em 1884 e falecido em 1942 e Radcliffe-Brown, nascido em 1881 e falecido em 1955, que criaram o chamado funcionalismo.

Para estes autores, as culturas dos povos que os autores evolucionistas consideravam como inferiores não eram necessariamente inferiores. Apenas eram culturas que correspondiam às necessidades destes povos e “funcionavam” adequadamente no contexto em que estes povos viviam, daí o nome funcionalismo. O que os povos africanos faziam, por exemplo, não era necessariamente inferior ao que os europeus faziam. Era apenas diferente, mas, funcionava do mesmo jeito.

A antropologia surgiu, então, do contato de pesquisadores europeus com povos dotados de outras culturas e outros costumes, sendo que, posteriormente, o conhecimento antropológico seria, e ainda é, utilizado para a compreensão de nossa própria cultura e de nossos próprios costumes. É neste sentido que o utilizamos hoje, e é neste sentido que, hoje, ele é de grande valia para todos nós.

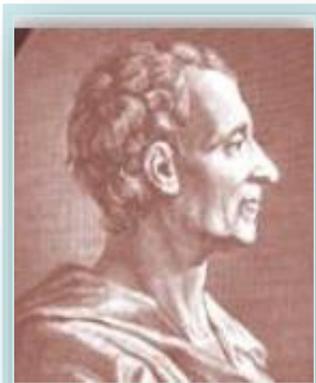
OS PRECURSORES DA SOCIANTROPOLOGIA

O ser humano sempre se empenhou em compreender o meio social em que vive e não é preciso ser um pesquisador para ter este interesse. Qualquer pessoa que viva em sociedade quer e precisa compreender o seu ambiente social, inclusive para poder ser aceita por seus semelhantes. Imagine, afinal, uma pessoa vivendo em uma sociedade que, para ela, é completamente desconhecida.

Desde as suas origens, portanto, o ser humano criou mecanismos de compreensão da sociedade e escreveu a respeito. Autores de textos religiosos escritos na Antiguidade, por exemplo, bem como de textos literários e de textos filosóficos, já se preocuparam em refletir sobre o mundo no qual viviam. Neste sentido, se buscarmos os precursores da socioantropologia, poderíamos remeter até mesmo a esses autores, mas, neste caso, o campo de ideias e autores a serem pesquisados seria tão vasto que qualquer tentativa de síntese seria praticamente inviável.

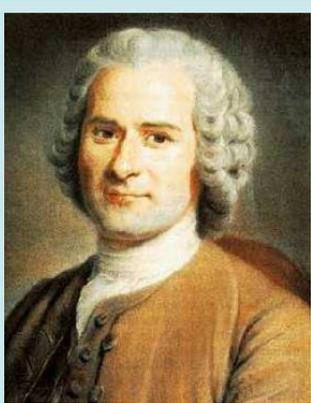
Por outro lado, é importante destacarmos alguns autores que criaram ideias que permitiram que, no século XIX, tanto a sociologia quanto a antropologia surgissem como disciplinas científicas dotadas de autonomia, englobando o que hoje podemos chamar de socioantropologia. E, para compreendermos a importância das ideias de alguns destes autores, mas, sem estender demais o período a ser estudado, iremos limitar ao estudo da obra de dois autores franceses que viveram no século XVIII, Montesquieu e Rousseau.

Figura 9 – Montesquieu:
Importante Filósofo do
iluminismo



Nascido em 1689 e falecido em 1755, Montesquieu é conhecido, principalmente, como autor de *O espírito das leis*, publicado em 1748. Neste livro, de grande importância também para o direito e a ciência política, Montesquieu cria, por exemplo, a teoria da separação dos poderes, a partir da qual é defendida a separação do poder em três esferas, que são o executivo, o legislativo e o judiciário. E com isto, o autor criou um dos fundamentos da teoria democrática contemporânea, uma vez que não pode haver democracia sem esta separação.

Figura 10 – Jean-
Jacques Rousseau



Jean-Jacques Rousseau, nascido em 1712 e falecido em 1778, buscou compreender as origens da sociedade e afirmou que esta nasce de um acordo feito pelas pessoas, que cedem uma parte de sua liberdade em troca da proteção que a sociedade pode lhes oferecer. Com isto, a sociedade, para ele, cria o que ele chamou de vontade geral, ou seja, uma vontade superior à vontade dos indivíduos e que termina prevalecendo sobre a vontade de cada um.

O que tornou Montesquieu um precursor da socioantropologia, contudo, foi a seguinte ideia desenvolvida pelo autor: para ele, **as leis existentes em um país apenas podem ser compreendidas se as relacionarmos com o modo de vida existente neste país, ou seja,**

com os hábitos, crenças e costumes ali vigentes. É isto que forma o que ele chama de espírito das leis, que apenas pode ser compreendido a partir do estudo da sociedade na qual estas leis estão em vigor. O espírito das leis, então, é esta relação entre lei e sociedade.

“As leis existentes em um país apenas podem ser compreendidas se as relacionarmos com o modo de vida existente neste país, ou seja, com os hábitos, crenças e costumes ali vigentes.”

Se, por exemplo, são criadas leis no Brasil que contrariem os costumes e hábitos aqui vigentes, estas leis poderão até existir no papel, mas, não irá “pegar”, ou seja, não terão validade prática, porque não serão aceitas pelos brasileiros. Não basta, então, as leis existirem, é preciso que o espírito das leis esteja de acordo com os costumes, crenças e hábitos vigentes, ou seja, com a chamada identidade nacional.

De fato, muitas vezes fazemos coisas que não derivam diretamente de nossa vontade, mas, de normas e desejos que a sociedade nos impõe. Assistimos a filmes e ouvimos músicas que todos estão ouvindo, compramos coisas que estão na moda, participamos de manifestações das quais outras pessoas estão participando. É isto que Rousseau chama de vontade geral, e ter descoberto esta vontade o transformou em um dos precursores da sociologia.

A SOCIOANTROPOLOGIA E O DIREITO

O direito pode ser definido como a normatização do uso do poder. Afinal, é a norma jurídica que define o que pode ou não ser feito, tanto por parte do cidadão quanto por parte do governante e, fazendo isto, ela define, consagra e normatiza o poder exercido por cada um. Um governante não pode, por exemplo, fazer tudo o que quiser, uma vez que há normas constitucionais que definem e delimitam o seu poder. E se ele infringir as normas poderá ser punido, inclusive com a perda de seu mandato.

Já o cidadão não pode impor a sua vontade perante as demais pessoas da forma como bem entende, devendo obedecer à norma jurídica referente a cada ato que venha a cometer. E, quando ele age de forma contrária a esta norma, estará exercendo o seu poder de forma ilegal, devendo, também, ser punido por isto.

Mas, o que a Socioantropologia tem a ver com isto?

As leis, como Montesquieu já havia assinalado, são criadas em sociedades específicas e tanto a sua elaboração quanto a sua prática cotidiana apenas podem ser compreendidas quando situadas na sociedade nas quais foram feitas. Para que, por exemplo, o estudante de direito possa compreender a legislação brasileira, não é possível estudá-la apenas na esfera jurídica. É preciso compreender como funciona a sociedade na qual ela foi feita, uma vez que é o que a sociedade brasileira tem de diferente das demais que torna a legislação brasileira diferente das demais.

A Socioantropologia, ao estudar a sociedade e a cultura, permite ao estudante pensar o direito de uma forma mais ampla, ou seja, não apenas de uma forma jurídica, mas, também, de uma forma social e cultural. E isto é fundamental para compreender como o direito funciona, não apenas na teoria, mas também na prática.



INDICAÇÃO DE VÍDEO



Para entendermos melhor sobre o tripé da sociologia, você pode assistir esse breve vídeo, é só clicar ou copiar o link abaixo.

Link: https://youtu.be/T_tUOFvGEWg



UNIDADE III

CULTURA E SOCIEDADE



OBJETIVOS:

- ✦ **Conceituar cultura bem como perceber suas variações.**
 - ✦ **Entender que a cultura é um distintivo relacionada a determinada sociedade e que pode variar de grupo para grupo.**
-

CULTURA: UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO

O Conceito antropológico de cultura passa necessariamente pelo dilema da unidade biológica e a grande diversidade cultural da espécie humana. Há um dilema que permanece como tema central de numerosas polêmicas e que aponta para a preocupação há muito presente, como a diversidade existente entre os diferentes povos.

Desde a Antiguidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamento entre os homens, a partir das variações dos ambientes físicos. No entanto, logo os estudiosos concluíram que as diferenças de comportamento entre os homens não poderiam ser explicadas através das diversidades somatológicas ou mesológicas. Tanto o determinismo geográfico quanto o determinismo biológico foram incapazes de resolver o dilema, pois o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado chamado de endoculturação, ou seja, um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada.

Da mesma forma, as diferenças entre os homens não podem ser explicadas em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente. A grande qualidade da espécie humana foi a de romper em suas próprias limitações: um animal frágil, provido de insignificante força física, dominou toda a natureza e se transformou no mais temível dos predadores. Sem asas dominou os ares; sem guelras ou membranas próprias conquistou os mares. Tudo isto porque difere dos outros animais por ser o único que possui cultura.

Apesar da dificuldade que os antropólogos enfrentam para definir a cultura, não se discute a sua realidade. A cultura se desenvolveu a partir da possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Isto significa afirmar que tudo o que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes, não decorre de imposições originadas fora da cultura.

A comunicação oral torna-se então um processo vital da cultura: a linguagem é um produto da cultura, mas ao mesmo tempo não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral.

A cultura desenvolveu-se simultaneamente com o próprio equipamento biológico humano e é, por isso mesmo, compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e de um adequado volume cerebral. Uma vez parte da estrutura humana, a cultura define a vida, e o faz não através das pressões de ordem material, mas de acordo com um sistema simbólico definido, que nunca é o único possível. A cultura, portanto, constitui a utilidade, serve de lente através da qual o homem vê o mundo e interfere na satisfação das necessidades fisiológicas básicas. Embora nenhum indivíduo conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro do mesmo. Conhecimento mínimo este que deve ser compartilhado por todos os componentes da sociedade de forma a permitir a convivência dos mesmos.

A cultura estrutura todo um sistema de orientação que tem uma lógica própria. Já foi o tempo em que se admitia existir sistemas culturais lógicos e sistemas culturais pré-lógicos. A coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence. Todas as sociedades humanas dispõem de um sistema de classificação para o mundo natural que constitui categorias diversificadas e com características próprias.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

OBJETIVOS E CAMPOS ANTROPOLÓGICO

Diante dessas vastas possibilidades de investigação antropológica é necessário uma divisão de seus campos para um melhor entendimento, para que não nos percamos. Seus objetos são bem definidos e possuem interesses teóricos próprios:

Antropologia Física ou Biológica: estuda a natureza física do homem, na tentativa de conhecer suas origens e evolução, sua estrutura anatômica, seus processos fisiológicos e as diferentes características raciais das populações humanas, antigas e modernas. Estas se subdividem em:

- ❖ **Paleontologia Humana;**
- ❖ **Somatologia;**
- ❖ **Raciologia;**

❖ **Antropometria;**

❖ **Estudos Comparativos do Crescimento.**

Antropologia Cultural: busca no homem e nas sociedades o entendimento de todos os componentes culturais, entendido como estudo dos símbolos e das representações que orientam o ser humano em sua vida diária.

A origem etmológica do termo antropologia vem do termo anthropos, que significa homem e logia ou ciência. Logo, a antropologia é a ciência do homem. Porém, não é apenas o objeto material homem, visto que muitas ciências também apropriam deste saber, mas a característica de estudar o homem como um todo, incluindo fatores biológicos e culturais, o que lhe dá um caráter mais geral e ao mesmo tempo um caráter mais específico, pois se torna impossível estudar o homem em toda sua dimensão (MELLO, 2007: 34-35). Dentro deste campo mais amplo se encontra diversas subdivisões, como a antropologia física, e a antropologia cultural, como veremos mais adiante.

Desde que a cultura é aprendida, observamos que as pessoas que vivem em diferentes lugares, possuem diferentes culturas. É a cultura que faz com que a criança nascida no Brasil seja brasileira, e a criança nascida em Portugal seja portuguesa. Assim, existem trocas culturais entre os indivíduos que contrapõe a todo o momento as culturas entre os povos já estabelecidos.

Notamos então, que o conceito de antropologia cultural é um conjunto complexo de conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e várias outros hábitos que o homem adquire durante a vida (MELLO, 2007:40-43).

SEU CAMPO DE ESTUDO ABRANGE:

❖ **Arqueologia:** estudo das culturas do passado, extintas, que em épocas remotas desenvolveram formas culturais, representando fases da humanidade não registradas em documentos escritos.

❖ **Etnografia:** preocupa-se com a descrição das sociedades humanas. Para Lévi Strauss consiste em observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade, na intenção de ser mais fiel possível da vida de cada um deles.

❖ **Etnologia:** preocupa-se com a análise, a interpretação e a comparação entre as mais variadas culturas existentes, considerando suas semelhanças e diferenças. Examina o

homem e sua inter-relação com o meio ambiente, indivíduo e cultura, na tentativa de compreender a operosidade e mudança das mesmas. O etnógrafo lhes fornecem os dados necessários a análise.

- ❖ **Linguística:** a linguagem é o meio e instrumento de comunicação e pensamento.
- ❖ **Folclore:** define-se como o estudo da cultura espontânea dos grupos humanos rurais ou urbanos.
- ❖ **Antropologia Social:** estuda os processos culturais e a estrutura social. Seu interesse está focado na sociedade e nas instituições.
- ❖ **Cultura e personalidade:** o indivíduo não é visto como simples receptor e portador de cultura, mas como um agente de mudança cultural, desempenhando papel dinâmico e inovador.

TRABALHO DE CAMPO

Vimos que dentre os diversos campos de interesse da antropologia, o folclore tem sua importância, seja ele urbano ou rural. As festas populares poderiam também estar aqui incluídas, além de danças, músicas, brincadeiras, etc.

Observe a região em que você vive. Quais são os grupos folclóricos existentes? Quais são as festas populares? Acredito serem poucos, como também acredito que em tempos remotos a existência destas festas e desta cultura popular terem existido em número muito maior do que na atualidade. Estas festas e estas culturas modificaram ou foram criados outros tipos e formas? Algumas permaneceram e outras surgiram? Dê exemplos.

Em sua opinião qual a causa de seu desaparecimento? E qual a causa do aparecimento de novas manifestações culturais? Quais são os fatores em jogo?

Vamos ao fórum discutir essas questões?

Espero por seus comentários!

Ciência Social: Sociologia, História, Psicologia, Geografia, Economia, Ciência Política, Ciência Biológica ou natural: Biologia, Genética, Anatomia, Fisiologia, Embriologia, Medicina, Zoologia, Geologia, Botânica, Química e Física.

O PERCURSO ANTROPOLÓGICO

Vimos na Unidade I que no início do século XIX o estudo da Antropologia era feito numa perspectiva holística (teoria de que existe uma tendência à interação dos elementos do universo e em especial dos seres vivos) em relação ao homem, na medida em que o seu estudo incidia no homem enquanto ser biológico, os seus comportamentos, “usos e costumes”. Desde esse primeiro momento até agora, várias são as influências geográficas, políticas, sociais e científicas a contribuir para a complexidade desse homem.

Inicialmente o estudo da antropologia surge associado às sociedades exóticas, distantes e ditas primitivas. As grandes potências mundiais procuravam formas de compreender as populações nativas das suas colônias para melhor conseguir relacionar com elas. Já durante o século XX muitos estados europeus, serviram da antropologia ou da etnografia para procurar a essência e as tradições que melhor legitimariam a existência dos estados-nação, sendo esta tendência também conhecida por folclore.

Figura 1 - Folclore



O folclore é uma manifestação de origem popular transmitido pelos costumes e tradições de um povo. Alguns costumes e tradições permanecem durante anos e anos numa dada comunidade, outros desaparecem, assim como o processo cultural analisado na primeira unidade, pois, estão recheados de uma rede de influência e interesses.

A antropologia esteve intimamente relacionada com o forte desenvolvimento e transformação do conhecimento científico, em particular com os processos relacionados com o evolucionismo biológico muito popular durante os séculos XVIII e XIX. E era do Positivismo assentado na crença de que a ciência explicaria todo e qualquer fenômeno, levou durante esse período a se interessar e compreender a origem da espécie humana e perceber até que ponto as escrituras da Bíblia serviriam ou não de modelo explicativo para a origem da humanidade. Assim, foram surgindo teorias que procuravam transpor os conceitos evolutivos para as sociedades exóticas e culturas diferenciadas.



INDICAÇÃO DE VÍDEO



O NOVO MUNDO

Ano de Produção: 2005/País de origem: EUA/Gênero: Aventura/Duração: 135 min.
Direção: Terrence Malick

Link - <https://youtu.be/hq3pcF14Rul>

Sinopse: século XVII América. Do choque de duas culturas nasce o lendário amor entre a princesa índia Pocahontas e o capitão Smith,

um explorador inglês. Afastados pelo destino, Smith se divide entre o dever e o amor; e Pocahontas entre dois amores

Desta forma, muitos autores, defendiam que as várias sociedades passavam por várias etapas de desenvolvimento que culminariam na estrutura da sociedade europeia e ocidental, considerada o expoente máximo da evolução social e cultural. Esta superioridade cultural foi debatida na Unidade 1 e observamos ser inaceitável, por considerarmos a não existência de culturas superiores ou inferiores, mas diferentes.

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, em Raízes do Brasil, “a experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida...” “... Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou adventícias fizeram-no tão diferentes dos nossos avós de além-mar como às vezes gostaríamos de sê-lo.”(Holanda, 1995:40).

Sofremos, pois, influências dos colonizadores, dos africanos, dos índios e de outros povos que por aqui se aventuram. Criamos, assim, uma cultura variada e rica. Mas a cultura que sobrepõe está sempre relacionada ao mais forte, mesmo que tentemos valorizar as demais

culturas existentes e entendendo que a cultura pertence a todos nós. Estas são praticamente impostas.... Dentre vários exemplos citamos a imposição do português como língua oficial brasileira. Mesmo havendo hoje uma tentativa de valorização de línguas nativas, jamais elas serão oficializadas... A nossa volta o que temos desses traços? Nada praticamente!

Figura 2



Fonte: Peter Pruzina por bixabay

Nesta visão de superioridade e imposição cultural surge um conceito que mais tarde seria classificado de etnocentrismo, ou seja, a tendência em considerar a sociedade europeia e ocidental como referencial para todas as outras sociedades diferentes deste modelo.

Observamos que logo após esse período positivista, os antropólogos passaram a considerar que o campo de ação da Antropologia se encontrava necessariamente ligados às sociedades diferentes, isoladas e sem escrita. O exótico e diferente, ou seja, a alteridade passou a ser o carro chefe da Antropologia. Apoiados no conceito de diversidade cultural (e quanto mais diversos melhor) os antropólogos viajaram aos lugares mais recônditos do mundo para perceber como os outros se definiam e se caracterizavam.

Hoje em dia o objeto de estudo da Antropologia já não são as sociedades intocadas pelos brancos. Muito possivelmente já não existem sociedades humanas isoladas, por isso esse objeto inicial encontra-se praticamente esgotado. Por esse motivo os antropólogos têm voltado para o interior dos seus próprios contextos sociais e culturais de forma a compreenderem os fenômenos que hoje em dia se desenvolvem, não sendo por isso necessário abarcar meio mundo à procura da alteridade para poder estudar, apoiando na diversidade de comportamentos e práticas culturais e sociais.

Etnocentrismo, ou seja, a tendência em considerar a sociedade europeia e ocidental como referencial para todas as outras sociedades diferentes deste modelo.

PRINCIPAIS CORRENTES ANTROPOLÓGICAS QUE SURTIRAM AO LONGO DO TEMPO

- ❖ **FUNCIONALISMO:** interpreta a sociedade como se ela fosse um organismo e em que cada parte do sistema desempenha uma função e a cultura é uma resposta a uma necessidade biológica desse organismo. Tem como expoente Malinowski e os seus trabalhos. Lembro que a ideia do funcionalismo está em diálogo com a teoria Positivista de Augusto Comte, no qual afirmava que a sociedade era constituída como um organismo separado de partes integradas e coesas que deveriam funcionar harmoniosamente. Haveria uma cabeça pensante cabendo ao corpo a obediência. Para Comte a sociedade só funcionaria bem se assim procedesse.
- ❖ **ESTRUTURAL-FUNCIONALISMO:** para Radcliffe-Brown a questão não era tanto a de saber se a cultura se colocava ao serviço das necessidades individuais, mas sim de descobrir de que modo ela contribuía para a manutenção de uma estrutura social equilibrada, sendo a estrutura social a rede total de relações sociais existentes numa sociedade. A ênfase colocada na estrutura fez com que a sua escola se designasse por estrutural-funcionalista;
- ❖ **ESTRUTURALISMO:** apoiado nas ideias de Durkheim e Marcel Mauss, Lévi-Strauss adaptou as teorias estruturalistas ao domínio da Antropologia. Strauss propôs uma organização binária ou de categorias contrastantes.
- ❖ A sociedade estabelece regras que obrigam os indivíduos a circular entre metades. O mundo à nossa volta é organizado em categorias que se opõem umas às outras. Em última análise a cultura é uma expressão da nossa estrutura mental e esta é construída a partir de conceitos e o seu oposto. Também Lévi-Strauss procurava desta forma criar uma teoria ou abordagem de carácter universalista.



INDICAÇÃO DE VÍDEO



1492: A CONQUISTA DO PARAÍSO

Ano de Produção: 1992/País de origem: FRA/ESP/ING/Gênero: Drama/Duração: 155 min. Direção: Ridley Scott

Link- https://youtu.be/ip9H_2MjWJY

Sinopse: A odisséia da expedição de Cristóvão Colombo até descobrir a

América. O estruturalismo é muito utilizado por historiadores ao fazer uso de uma análise interdisciplinar para uma interpretação temporal. Tal método possibilita observar a estrutura econômica, social, política e cultural, não perdendo de vista o entendimento do fato numa perspectiva reduzida ou individual, ligando a um contexto mais amplo, numa interferência entre micro e macro análise e ainda permitindo uma narrativa de tal acontecimento. (BURKE, 1992)



A MASSAI BRANCA

Ano de Produção: 2005/País de origem: ALE/Gênero: Drama/Duração: 131 min.

Link - <https://youtu.be/zBO8QaQNpzU>

Sinopse: Baseado em uma autobiografia original da escritora Suíça Corinne Hofmann. Em férias no Quênia, Carola decide deixar seu namorado para ficar com um guerreiro da tribo

dos Massai. Ela tem que se adaptar à maneira de vida da tribo, que inclui se alimentar de leite misturado com sangue e posturas machistas.



ARTIGO – VOCÊ TEM CULTURA?

Roberto da MATTA

Outro dia ouvi uma pessoa dizer que “Maria não tinha cultura”, era “ignorante dos fatos básicos da política, economia e literatura”. Uma semana depois, no Museu onde trabalho, conversava com alunos sobre “a cultura dos índios Apinayé de Goiás”, que havia estudado de 1962 até 1976, quando publiquei um livro sobre eles (Um mundo dividido). Refletindo sobre os dois usos de uma mesma palavra, decidi que esta seria a melhor forma de discutir a ideia ou o conceito de cultura tal como nós, estudantes da sociedade a concebemos. Ou, melhor ainda, apresentar algumas noções sobre a cultura e o que ela quer dizer, não como uma simples palavra, mas como uma categoria intelectual um conceito que pode nos ajudar a compreender melhor o que acontece no mundo em nossa volta.

Retomemos os exemplos mencionados porque eles encerram os dois sentidos mais comuns da palavra. No primeiro, usa-se cultura como sinônimo de sofisticação, de sabedoria, de educação no sentido restrito do termo. Quer dizer, quando falamos que “Maria não tem cultura”, e que “João é culto”, estamos nos referindo a certo estado educacional destas pessoas, querendo indicar com isto sua capacidade de compreender ou organizar certos dados e situações. Cultura aqui é equivalente a volume de leituras, a controle de informações, a títulos universitários e chega até mesmo a ser confundido com inteligência, como se a habilidade para realizar certas operações mentais e lógicas (que definem de fato a inteligência), fosse algo a ser medido ou arbitrado pelo número de livros que uma pessoa leu as línguas que pode falar, ou aos quadros e pintores que pode de memória, enumerar. Como uma espécie de prova desta associação, temos o velho ditado informando que “cultura não traz discernimento”... Ou inteligência, como estou discutindo aqui.

Neste sentido, cultura é uma palavra usada para classificar as pessoas e, às vezes, grupos sociais, servindo como uma arma discriminatória contra algum sexo, idade (“as gerações mais novas são incultas”), etnia (“os pretos não tem cultura”) ou mesmo sociedades inteiras, quando se diz que “os franceses são cultos e civilizados” em oposição aos americanos que são “ignorantes e grosseiros”. Do mesmo modo é comum ouvir-se referências à humanidade, cujos valores seguem tradições diferentes e desconhecidas, como a dos índios, como sendo sociedades que estão “na Idade da Pedra” e se encontram em “estágio cultural muito atrasado”. A palavra cultura, enquanto categoria do senso-comum ocupa como vemos um importante lugar no nosso acervo conceitual, ficando lado a lado de outras, cujo uso na vida cotidiana é também muito comum. Estou me lembrando da palavra “personalidade” que, tal

como ocorre com a palavra “cultura”, penetra o nosso vocabulário com dois sentidos bem diferenciados. No campo da Psicologia, personalidade define o conjunto dos traços que caracterizam todos os seres humanos. É aquilo que singulariza todos e cada um de nós como uma pessoa diferente, com interesses, capacidades e emoções particulares. Mas na vida diária, personalidade é usada como um marco para algo desejável e invejável de uma pessoa. Assim, certas pessoas teriam “personalidade” outras não! É comum se dizer que "João tem personalidade" quando de fato se quer indicar que "João tem magnetismo", sendo uma pessoa de "presença". Do mesmo modo, dizer que "João não tem personalidade" quer apenas dizer que ele não é uma pessoa atraente ou inteligente.

Mas no fundo, todos temos personalidade, embora nem todos possamos ser pessoas belas ou magnetizadoras como um artista da Novela das Oito. Mesmo uma pessoa "sem personalidade" tem, paradoxalmente, personalidade na medida em que ocupa um espaço social e físico e tem desejos e necessidades. Pode ser uma pessoa sumamente apagada, mas ser assim é precisamente o traço marcante de sua personalidade.

No caso do conceito de cultura ocorre o mesmo, embora nem todos saibam disso. De fato, quando um antropólogo social fala em "cultura", ele usa a palavra como um conceito chave para a interpretação da vida social. Porque para nós “cultura” não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização", mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade. Podem, assim, desenvolver relações entre si porque a cultura lhes forneceu normas que dizem respeito aos modos, mais (ou menos) apropriados de comportamento diante de certas situações. Por outro lado, a cultura não é um código que se escolhe simplesmente. É algo que está dentro e fora de cada um de nós, como as regras de um jogo de futebol, que permitem o entendimento do jogo e, também, a ação de cada jogador, juiz, bandeirinha e torcida.

Quer dizer, as regras que formam a cultura (ou a cultura como regra) é algo que permite relacionar indivíduos entre si e o próprio grupo com o ambiente onde vivem. Em geral, pensamos a cultura como algo individual que as pessoas inventam, modificam e acrescentam na medida de sua criatividade e poder. Daí falarmos que Fulano é mais culto que Sicrano e distinguirmos formas de "cultura" supostamente mais avançadas ou preferidas que outras. Falamos então em "alta cultura" e "baixa cultura" ou “cultura popular”, preferindo naturalmente

as formas sofisticadas que se confundem com a própria ideia de cultura. Assim, teríamos a cultura e culturas particulares e adjetivadas. (Popular, indígena, nordestina, de classe baixa, etc.) como formas secundárias, incompletas e inferiores de vida social.

Mas a verdade é que todas as formas culturais ou todas as "subculturas" de uma sociedade são equivalentes e, em geral, aprofundam algum aspecto importante que não pode ser esgotado completamente por outra "subcultura". Quer dizer, existem gêneros de cultura que são equivalentes a diferentes modos de sentir, celebrar, pensar e atuar sobre o mundo e esses gêneros podem estar associados a certos segmentos sociais. O problema é que sempre que nos aproximamos de alguma forma de comportamento e de pensamento diferente, tendemos a classificar a diferença hierarquicamente, que é uma: forma de excluí-la.

Outro modo de perceber e enfrentar a diferença cultural é tomar a diferença como um desvio, deixando de buscar seu papel numa totalidade. Desta forma, podemos ver o carnaval como algo desviante de uma festa religiosa, sem nos darmos conta de que as festas religiosas e o carnaval guardam uma profunda relação de complementaridade. Realmente, se no terreno da festa religiosa somos marcados pelo mais profundo comedimento e respeito pelo foco no "outro mundo" é porque no carnaval podemos nos apresentar realizando o justo oposto.

Assim, o carnavalesco e o religioso não podem ser classificados em termos de superior ou inferior ou como articulados a uma. "cultura autêntica" e superior, mas devem ser vistos nas suas relações que são complementares. O que significa dizer que tanto há cultura no carnaval quanto na procissão e nas festas cívicas, pois que cada uma delas é um código capaz de permitir um julgamento e uma atuação sobre o mundo social no Brasil. Como disseram uma vez, essas festas nos revelam leituras da sociedade brasileira por nós mesmos e é nesta direção que devemos discutir o conteúdo e a forma de cada cultura ou subcultura em uma sociedade (veja-se o meu livro, Carnavais; Malandros e Heróis). No sentido antropológico, portanto, a cultura é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado.

Ela, como os textos teatrais, não pode prever completamente como iremos nos sentir em cada papel que devemos ou temos necessariamente que desempenhar, mas indica maneiras gerais e exemplos de como pessoas que viveram antes de nós os desempenharam. Mas isso não impede, conforme sabemos, emoções. Do mesmo modo que um jogo de futebol com suas regras fixas não impedem renovadas emoções em cada jogo. É que as regras apenas indicam os limites e apontam os elementos e suas combinações explícitas. O seu funcionamento e, sobretudo, o modo pelo qual elas engendram novas combinações em situações concretas é algo que só a realidade pode dizer. Porque embora cada cultura

contenha um conjunto finito de regras, suas possibilidades de atualização, expressão e reação em situações concretas, são infinitas.

Apresentada assim, a cultura parece ser um bom instrumento para compreender as diferenças entre. Os homens e as sociedades. Elas não seriam dadas, de uma vez por todas, por meio de um meio geográfico ou de uma raça, como diziam os estudiosos do passado, mas em diferentes configurações ou relações que cada sociedade estabelece no decorrer de sua. Mas é importante acentuar que a base destas configurações, é sempre um repertório comum de potencialidades. Algumas sociedades desenvolveram algumas dessas potencialidades mais e melhor do que outras, mas isso não significa que elas sejam mais pervertidas ou mais adiantadas. O que isso parece indicar é, antes de mais nada, o enorme potencial que cada cultura encerra, como elemento plástico, capaz de receber as variações e motivações dos seus membros, bem como os desafios externos. Nosso sistema caminhou na direção de um poderoso controle sobre a natureza, mas isso é apenas um traço entre muitos outros. Há sociedades na Amazônia onde o controle da natureza é muito pobre, mas onde existe uma enorme sabedoria relativa ao equilíbrio entre os homens e os grupos cujos interesses são divergentes. O respeito pela vida que todas as sociedades indígenas nos apresentam, de modo tão vivo, pois que os animais são seres incluídos na formação e discussão de sua moralidade e sistema político, parece se constituir não em exemplo de ignorância e indigência lógica, mas em verdadeira lição, pois, respeitar a vida deve certamente incluir toda a vida e não apenas a vida humana. Hoje estamos mais conscientes do preço que pagamos pela exploração desenfreada do mundo natural sem a necessária moralidade que nos liga inevitavelmente às plantas, aos animais, aos rios e aos mares.

Realmente, pela escala destas sociedades tribais, somos uma sociedade de bárbaros, incapazes de compreender. O significado profundo dos elos que nos ligam com todo o mundo em escala. Global. Pois é assim que pensam os índios e por isso que as suas histórias são povoadas de animais que falam e homens que se transformam em animais. Conosco, são as máquinas que tomam esse lugar...

O conceito de cultura, ou, a cultura como conceito, então, permite uma perspectiva mais consciente de nós mesmos. Precisamente porque diz que não há homens sem cultura e permite comparar culturas e configurações culturais como entidades iguais, deixando de estabelecer hierarquias em que inevitavelmente existiriam sociedades superiores e inferiores. Mesmo diante de formas culturais aparentemente irracionais, cruéis ou pervertidas, existe o homem a entendê-las – ainda que seja para evitá-las, como fazemos com o crime - é uma tarefa inevitável que faz parte da condição de ser humano e viver num universo marcado e demarcado pela cultura. Em outras palavras, a cultura permite traduzir melhor a diferença e

entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos. Num mundo como o nosso, tão pequeno pela comunicação em escala planetária, isso me parece muito importante. Porque já não se trata somente de fabricar mais e mais automóveis, conforme pensávamos em 1950, mas desenvolver nossa capacidade para enxergar melhores caminhos para os pobres, os marginais e os oprimidos. E isso só se faz com uma atitude aberta para as formas e configurações sociais que, como revela o conceito de cultura, estão dentro e fora de nós.

Num país como o nosso, onde as formas hierarquizantes de classificação cultural sempre foram dominantes, onde a elite sempre esteve disposta a autoflagelar-se dizendo que não temos uma cultura, nada mais saudável do que esse exercício antropológico de descobrir que a fórmula negativa - esse dizer que não temos cultura é, paradoxalmente, um modo de agir cultural que deve ser visto, pesado e talvez substituído por uma fórmula mais confiante no nosso futuro e nas nossas potencialidades.

**Artigo publicado no Jornal da Embratel, RJ, 1981.

**Roberto Da Matta, pesquisador e professor de Antropologia Social do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. É autor dos livros: *Ensaio de Antropologia Estrutural* (Editora Vozes), *Um Mundo Dividido* (Editora Vozes) , *O Inverso do Carnaval* (Edições Pinakothek), *Carnavais, Malandros e Heróis* (ZaharEditores) e *Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social* (Editora Vozes).



UNIDADE IV

**A SOCIOLOGIA NUMA PERSPECTIVA
HISTÓRICA**



OBJETIVOS:

- ❖ Entender o papel de Max Weber para a compreensão social, principalmente no que diz respeito às suas principais teorias.
- ❖ Analisar a teoria de Karl Marx sob má perspectiva crítica, tendo em vista sua visão em relação à sociedade capitalista que impera no momento abordado pelo autor.

Figura 1- A busca do homem sobre si mesmo

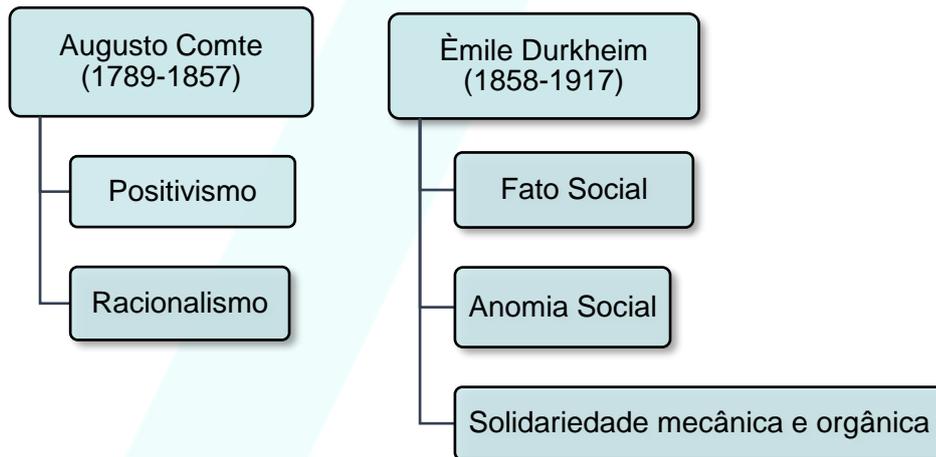


Fonte: Boitempo Editorial

Prezados alunos,

Até agora tivemos oportunidade de aprendermos um pouco sobre a construção da Sociologia enquanto disciplina rigorosa, e para que isto acontecesse foi necessária uma evolução lógica e de forma contínua para que a disciplina se organizasse. Para a investida, vimos quão importante foi a presença de Augusto Comte, com sua a teoria positivista e de Émile Durkheim, que dentre outras teorias que criou, destaca-se a percepção do fato social, da sociedade orgânica e mecânica e ainda da anomia social.

Em caráter ilustrativo, destacamos o organograma abaixo:



Fonte: Organizado pela autora.

Como o conhecimento não se esgota, notamos que os acontecimentos da Idade Moderna muito contribuíram para que os conhecimentos sociológicos fossem readaptados. O desenvolvimento industrial, as mudanças de ordem religiosa, social, cultural e econômica que permearam os séculos XVII e XVIII na Europa, fizeram com que novos grupos sociais fossem “criados”, o que, conseqüentemente, levou os pensadores da época a um esforço para interpretar a diversidade social que ora destacava.

De acordo com Cristina Costa:

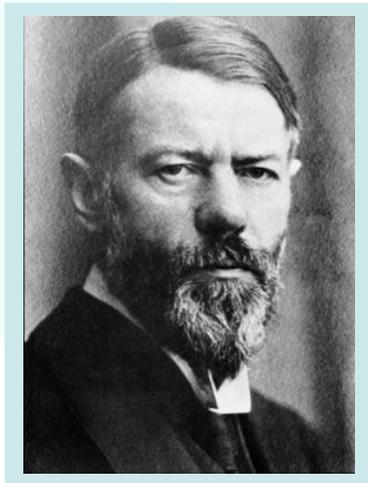
“O sucesso alcançado pelas ciências físicas e biológicas, impulsionadas pela indústria e pelo desenvolvimento tecnológico, fizeram com que as primeiras escolas sociológicas fossem fortemente influenciadas pela adaptação dos princípios e da metodologia dessas ciências à realidade social.” (COSTA, 2005, p.94)

Inspirados por uma filosofia kantiana e hegeliana, no qual se preocupava menos com o objeto do conhecimento e mais com a forma racional de apreender o conhecimento, surge a teoria que norteará dois grandes sociólogos do século XIX: Max Weber e Karl Marx, que veremos adiante.

A forma ou o método de conhecimento será o grande trunfo dos sociólogos citados, visto que a razão não mais é algo relacionado a simples natureza da razão e de objetos, mas, na forma, no método de conhecer a realidade racionalmente.

A CONTRIBUIÇÃO DE MAX WEBER PARA A SOCIOLOGIA

FIGURA 2 - MAX WEBER



Inspirado por um pensamento do entendimento social por uma perspectiva histórica, Max Weber busca na interpretação das fontes e na coleta de dados a percepção das diferenças sociais, que estariam ligadas a origem da formação das coisas e não um estágio de evolução.

Weber “procurou entender como as ideias, tanto como os fatores de ordem material, cobravam forças na explicação sociológica” (QUINTANEIRO et al, 1995:106), na qual a vontade de poder repercute diretamente na luta entre valores antagônicos, sejam eles de que nível for.

Dentre algumas teorias weberianas se destacam:

AÇÃO SOCIAL

O homem dá sentido à ação social. Estabelece conexão entre os motivos da ação, bem como a ação e seus efeitos propriamente ditos. O objeto da sociologia era a ação social, ou seja, toda a conduta humana, pública ou não, que o agente atribui significado e adequa a sua ação ao significado atribuído à ação do outro. O objetivo da sociologia seria compreender a conduta humana e explicá-la causalmente em seus desdobramentos (captação de sentido). De acordo com Weber as ações são individuais, mas se encontram dentro de um contexto social. Cada indivíduo age conforme sua tradição, seus interesses e emoções. Neste sentido, as condutas são tanto mais racionalizadas quanto menor for a submissão do agente aos costumes e afetos e quanto mais ele se oriente por um planejamento adequado à situação. (QUINTANEIRO et al, 1995,p.107).

Para efetuar a análise da sociedade, Weber considerava que a repetição das ações sociais leva à concepção de tendências gerais que levam os sujeitos a agirem de determinado modo.

Ou seja, começa a haver certa previsibilidade das ações dos indivíduos na sociedade. Para que essa análise se complete, Weber criou uma tipologia das ações sociais:

Ação racional com relações afins: ocorre quando o indivíduo lança mão de meios adequados, já avaliados para alcançar seus objetivos.



Fonte: Disponível em <https://doencasrarasblog.wordpress.com/2016/11/09/pesquisa-cientifica-hipoparatiroidismo/>. Acesso em 28.08.2019.

Um procedimento científico, em que o cientista tenha testado e combinado métodos para desenvolver sua pesquisa e alcançar seu resultado final.

Ação racional com relação a valores: O indivíduo se orienta por princípios e age de acordo com suas convicções, considerando sua fidelidade a valores, crenças, costumes, que inspiram sua conduta. Nesse tipo de ação, não é o resultado que se busca, mas a fidelidade do indivíduo a uma convicção ou valor.

Por exemplo, ser casto, não comer carne, não cortar cabelo (para mulheres), os homens-bomba que se sacrificam por uma causa, etc.

Nesse caso, ação adquire significado não em seu resultado, mas em suas consequências. A ação ganha sentido pela fidelidade aos valores que a guiaram.

Ação afetiva: Esse tipo de ação não possui caráter racional. Ela desconsidera resultados ou consequências da conduta e se orienta exclusivamente pelos sentimentos da pessoa que a realiza. É a reação emocional do sujeito quando submetido a determinadas circunstâncias. São ações que se inspiram em emoções imediatas, como orgulho, vingança, mágoa, entusiasmo, inveja, desejo.

Exemplo:



Fonte: Disponível em : <https://tirinhasdaweber.wordpress.com/tag/prova-de-amor/>. Acesso em 28.08.2019.

Ação tradicional: Essa ação também não é racional e refere-se a hábitos e costumes arraigados que levam os indivíduos a agirem quase automaticamente, sem pensar.

Exemplo:

O cumprimento entre pessoas conhecidas que se tornam atos automatizados, o beijo na mão ao se tomar a bênção dos pais, o almoço na casa dos pais aos domingos, etc. Essas ações se relacionam aos costumes e às tradições que muitas vezes não sabemos por que fazemos.



Fonte: <https://www.wemystic.com.br/artigos/oracao-antes-das-refeicoes-voce-costuma-fazer-veja-2-versoes/>. Acesso em 28.08.2019.

Essa tipologia criada por Weber é utilizada para analisar sociologicamente várias condutas. Em geral, as ações podem sofrer mais de um desses condicionamentos, mas a classificação pode se dar com base naquele que é predominante. Esses tipos de ação social são modelos abstratos para explicar uma ação social que considera as conexões de sentido racionais existentes.

Espero que você tenha compreendido os conceitos acima, pois eles são fundamentais para que possamos continuar avançando no nosso estudo sobre a teoria weberiana.

TIPO IDEAL

O que Weber chama de tipo ideal está relacionado a uma criação abstrata a partir de casos particulares observados. O tipo ideal não é um modelo a ser alcançado, mas uma lupa que auxilia o cientista na observação e análise do social, como numa análise microscópica.

O tipo ideal weberiano é a constatação de um fenômeno a partir de características mais salientes da sociedade. Por exemplo: é característica do sistema capitalista a divisão de tarefas no trabalho, o que podemos chamar de tipo ideal, ou seja, é algo que domina.

Porém, entendemos que mesmo sendo uma característica comum a todos os países capitalistas, tais práticas podem variar de região para região. No entanto, Weber aborda as sociedades a partir de seus traços mais comuns. Por isso que, quando se fala sobre capitalismo a maioria das pessoas imagina sobre ele as mesmas características, pois, tem a representação do tipo ideal. Mas, isto não quer dizer que não exista neste sistema, características que são individuais, próprias, mas, que só são percebidas se analisadas com maior rigor.



O texto **A ética protestante e o espírito do capitalismo** de Max Weber disponível em:

<http://www.consciencia.org/max-weber-e-a-etica-protestante-e-o-espírito-do-capitalismo>

Sugiro a leitura para aprofundamento em nossos estudos.

Max Weber faz uma crítica severa à formação capitalista. Ao perceber por seus estudos que a Igreja Católica não perdeu seu poder, após a Reforma, sobre a vida cotidiana, mas, obteve uma nova forma de controle, observa algo inusitado. Afirma o sociólogo que os homens de negócio e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal

mais habilitado técnica e comercialmente das empresas, são predominantemente protestantes. (WEBER, 2006, p. 39-40)

Assim, para Weber, dentro da ética calvinista existiria uma idéia de que perda de tempo era um dos grandes pecados. O trabalho torna-se um valor em si mesmo. Para estarem seguros quanto à sua salvação, os homens, ricos e pobres deveriam trabalhar sem descanso e reaplicarem o seu lucro.

Os valores do protestantismo atuavam de maneira intensa na formação dos indivíduos. Lembra que tempo é dinheiro; crédito é dinheiro; dinheiro pode gerar dinheiro? O trabalho deveria, pois, ser executado como se fosse um fim absoluto em si mesmo, como uma vocação. Contudo, tal atitude não é produto da natureza. Não pode ser estimulada apenas pensando em salários, mas como um árduo processo educativo (WEBER, 2006: 57)

O mal não estaria na posse da riqueza, mas no seu uso para o prazer, o luxo e a preguiça. Tal adoção permite que os empresários revertam sua condição histórica anterior de ser uma classe qualquer, para se transformarem no principal grupo que surgiria: a burguesia.

A TEORIA DA RACIONALIDADE E DA DOMINAÇÃO

Para Weber, a principal característica das sociedades modernas é o que ele denominou de racionalidade. Na sociedade moderna, a vida se tornou diferente do que tinha sido até então nas sociedades tradicionais, pré-industriais.

A vida mudou porque as pessoas passaram a se relacionar com o mundo de forma racional. As relações econômicas, políticas, sociais, religiosas passaram a utilizar a razão como princípio.

DE ONDE VEM A RACIONALIDADE?

Segundo Weber, a racionalidade começou na economia, pois saber o custo de produção de bens, utilização do tempo e eficiência como maneira de se evitar o prejuízo passou a ser importante para a economia na sociedade industrial.

Essa racionalidade não se restringiu à economia e ao trabalho, também se manifestou na ciência e na tecnologia, que alcançou seu apogeu. O estímulo dado à criação racional levou à especialização científica e técnica e à organização da vida baseada na divisão de tarefas distribuídas ao longo do dia (BOMENY, 2010).

Quando orientamos nossos atos para outras pessoas, estamos influenciando ou sendo influenciados a cada instante. A vida social é assim: interação com o outro. Chamaremos, aqui, o indivíduo de ator, porque ele molda seus atos com o objetivo de influenciar os outros. Nesse sentido, a influência pode ser entendida como poder.

Portanto, segundo a perspectiva de Weber, a vida social é um exercício de poder. Não precisamos conceber o poder como se fosse uma relação perversa, muito menos a autoridade. Ambos fazem parte da vida social. Uma sociedade capitalista é inconcebível sem relações de poder e de autoridade!

ENTENDA O QUE CARACTERIZA ESSAS RELAÇÕES:

O poder pode vir do medo da força física, da posição social, do dinheiro, de promessas. É diferente de autoridade, pois a obediência acontece porque o subordinado se sente coagido, é o que chamamos de dominação

Figura 5



Fonte: https://www.preparadopra valer.com.br/noticia/problemas-a-vista-separamos-5-sinais-de-que-seu-chefe-ve-voce-como-uma-ameaca_a17628/1. Acesso em 28.08.2019.

A autoridade está fundamentada na legitimidade, o desejo de todo líder, governante, herói, professor etc. Ela confere o direito de comandar os outros, que, conseqüentemente, se sentem obrigados a obedecer.

Figura 6



Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/Quentes>. Acesso em 28.08.2019

A DOMINAÇÃO

A dominação é um dos elementos mais importantes da ação social. Todas as áreas da ação social se mostram marcadas por algum tipo de dominação. Assim como um impulso que molda a ação social e determinam sua orientação para um sentido: o poder.

A dominação pode ser legitimada quando a vontade do dominador (es) influencia as ações de outras pessoas, que acabam obedecendo sem questionar. Ela acontece quando o reconhecimento da autoridade de alguém legítima em outrem, tornando-os manipuláveis.

Existem de acordo com Weber três tipos de dominação:

Dominação Legal: obedece a pessoa em virtude do seu di o próprio. Em contrapartida, quem ordena obedece. Junto a esta dominação legal temos a dominação burocrática.

Exemplo: a obediência da Presidenta da República ao Estado brasileiro. Ela é caracterizada pela fé na validade dos regulamentos estabelecidos e seu fundamento é racional e não emocional, não permite que interesses pessoais e subjetivo ou

Dominação Tradicional: a legitimidade do poder se dá pela crença nas tradições. É baseada na tradição do líder, no poder herdado. O líder assume em virtude de um costume: primogenitura, mais antigo da família etc. Exemplo: papas, reis, coronelismo.

Dominação Carismática: crença no extraordinário, no sobrenatural, na devoção efetiva à pessoa. Exemplo: Ernesto Che Guevara, Hitler. Esse tipo de dominação não reconhece instituições, regulamentos, precedentes ou costumes e seu poder é instável, arbitrário e pode tomar a forma de poderio revolucionário.

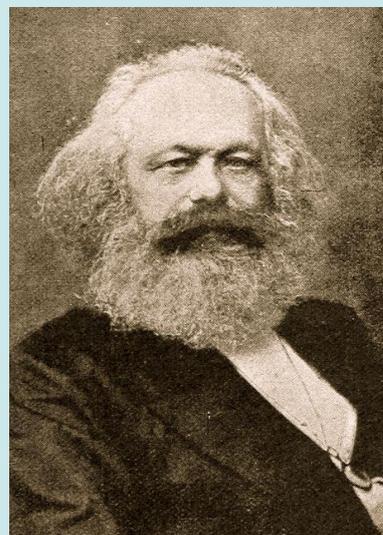
Vimos que Weber contribuiu e muito para o entendimento da estrutura social, com múltiplas lógicas. Seus trabalhos abriram as portas para particularidades históricas e o papel da subjetividade na ação da pesquisa social.

KARL MARX

Em nosso vídeo aula, que está presente na Unidade 2, tivemos a oportunidade de falarmos um pouco sobre este grande historiador, político, sociólogo, cientista político, chamado Karl Marx. Estaremos aqui complementando o que foi comentado na aula.

Herdeiro do ideário iluminista, Marx acreditava que a razão não era apenas um instrumento de apreensão da realidade, mas um dos mecanismos para uma sociedade mais justa. Voltado para a crítica severa à sociedade capitalista, Marx é autor de diversas obras de peso que é ao mesmo tempo vasta e complexa. Faremos aqui uma síntese de alguns de seus fundamentos, cabe, portanto, a cada aluno aprofundar suas leituras.

FIGURA 4 - KARL MARX



FONTE: COLÉGIO SAGRADO

A DIALÉTICA

Baseado no Materialismo Dialético de Hegel, Marx afirma que o choque de princípios e contrários provoca um terceiro princípio, ou uma mudança. Neste entendimento, a tese seria a afirmação de algo, a antítese a negação e a síntese algo mais perfeito. O que em seu entender equivale dizer que toda sociedade traz em si o germe de sua negação.

Hegel aplicava os princípios às coisas, Marx aplica na história. Tal teoria será chamada por ele de Materialismo Histórico.

Em sua visão só haveria mudança social se houvesse luta dos trabalhadores, ou luta de classes. Porém, a estrutura social depende da forma com que os homens se organizam. Nessa organização englobam dois fatores básicos:

- ✦ **As forças produtivas:** condições materiais de produção (matéria-prima, instrumentos, etc.)
- ✦ **Relações de produção:** as formas com que os homens se organizam para executar as atividades produtivas (cooperativas, escravismo, servis, capitalistas, etc.).

A forma como as forças produtivas e as relações de produção são reproduzidas historicamente constitui o que Marx chama de Modo de Produção. Marx identifica alguns Modos de Produção: antigo, germânico, feudal, capitalista; cada qual com o papel de desenvolvimento da propriedade privada e da exploração humana.

De acordo com Marx, a sociedade capitalista surge, então, de interesses opostos em decorrência da transformação do modo de produção feudal. Neste sentido, a história do homem é marcada pela luta de classes, de interesses opostos.

Seria importante que você aprofundasse um pouco, para melhor compreensão nas origens históricas do capitalismo.

Não desanime! Mãos à obra! Bons estudos!

FIGURA 5 – TRANSFORMAÇÃO



FONTE: COLÉGIO SAGRADO

O CONCEITO DO SALÁRIO

É baseado na força de trabalho humano que é considerada mercadoria. O salário deve corresponder à quantia que permita ao operário alimentar-se, vestir, cuidar dos filhos, recuperarem as energias, e, assim estar de volta no dia seguinte ao trabalho (COSTA, 1987, p. 76). Porém, se o trabalhador trabalha além do necessário, Marx chamará de mais-valia ou lucro a mais que o operário dá ao patrão.



A SOCIEDADE CAPITALISTA E SUA TRANSIÇÃO

Para Marx a sociedade capitalista é a mais discriminatória que existe e a que mais explora o operário, mesmo afirmando ser a forma de organização mais desenvolvida e mais variada de todas as existentes.

Ao materializar a força de trabalho, como mercadoria define as características da sociedade capitalista. Portanto, para a mudança social, ou dialética, caberia a burguesia o papel revolucionário de mudar, não apenas os processos produtivos, mas também a organização do Estado, das forças sociais em que este Estado sustentava (QUINTANEIRO, et al, 1995, p. 90).

A transitoriedade do modo capitalista para uma sociedade comunista, que para ele seria a sociedade ideal, passaria por um período ditatorial no qual os operários tomariam o poder e criariam o socialismo, mas somente com o desenvolvimento do capitalismo, o que geraria a penúria, a pobreza, iniciaria uma luta contrária ao sistema, “libertando” o homem do sofrimento capitalista e conseqüentemente sua exploração.

Para concluirmos percebemos, grosso modo, a amplitude da contribuição de Marx para pensar em uma sociedade diferente da capitalista. Não houve setor da realidade social que fugisse à perspectiva do materialismo histórico, seja no campo ideológico, científico, político, econômico, etc. Assim, por ser extremamente amplo e conseguirmos dar conta neste curto espaço, sugerimos aprofundar na leitura dos seguintes tópicos:

Materialismo Dialético, Materialismo Histórico, mais valia, alienação, trabalho, valor e lucro.

Lembro que por serem clássicos encontramos via net vários livros de Max Weber e Karl Marx.

É MUTO IMPORTANTE QUE LEIA ALGUNS DOS TÍTULOS ABAIXO:

Max Weber

A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo;

Indivíduo e Sociedade.

Karl Marx

O Capital;

Manuscritos Filosóficos;

Dezoito de Brumário;

Friedrich Engels e Karl Marx

A Ideologia Alemã

GLOSSÁRIO DE ALGUNS TÓPICOS DA TEORIA MARXISTA:

Materialismo Dialético: É considerado um método baseado na ideia de mudança dialética das coisas. Hegel é seu idealizador, mas busca em Heráclito e Demócrito sua origem.

Materialismo Histórico: Fundamenta no Materialismo Hegeliano, porém, Karl Marx aplica não apenas às coisas, mas ao movimento histórico. Ou seja, para Marx, a história é regida pela luta de classes que impulsiona a sociedade, modificando-a.

Mais-valia: É o lucro a mais que o patrão obtém, mediante a exploração da força de trabalho operária.

Alienação: Para Marx no sistema capitalista existe alguns instrumentos que tem a função de convencimento do cidadão. Através deste convencimento o homem se transforma num ser que não tem poder de questionamento, ou seja, aliena junto aos sistemas de dominação capitalista aceitando tudo passivamente.

Trabalho: O trabalho é visto por Marx de forma exploratória, já que a existência de fábricas no sistema capitalista tende de explorar o trabalhador, independente de sexo e idade, pois é o lucro que deve ser considerado importante pelos donos do capital.

Valor e lucro: São consequências do próprio sistema capitalista. O valor do produto deve ser cobrado de forma a obter o lucro no seu mais alto grau, mesmo que para isto o operário seja sugado no seu máximo.



LEITURA COMPLEMENTAR

A Luta de Classes

Pretendendo caracterizar não apenas uma visão econômica da história, mas também uma visão histórica da economia, a teoria marxista também procura explicar a evolução das relações econômicas nas sociedades humanas ao longo do processo histórico. Haveria, segundo a concepção marxista, uma permanente dialética das forças entre poderosos e fracos, opressores e oprimidos, a história da humanidade seria constituída por uma permanente luta de classes, como deixa bem claro a primeira frase do primeiro capítulo o Manifesto Comunista:

A história de toda sociedade passada é a história da luta de classes.

Classes essas que, para Engels são "os produtos das relações econômicas de sua época". Assim, apesar das diversidades aparentes, escravidão, servidão e capitalismo seriam essencialmente etapas sucessivas de um processo único. A base da sociedade é a produção econômica. Sobre esta base econômica se ergue uma superestrutura, um estado e as ideias econômicas, sociais, políticas, morais, filosóficas e artísticas. Marx queria a inversão da pirâmide social, ou seja, pondo no poder a maioria, os proletários, que seria a única força capaz de destruir a sociedade capitalista e construir uma nova sociedade, socialista.

Para Marx os trabalhadores estariam dominados pela ideologia da classe dominante, ou seja, as ideias que eles têm do mundo e da sociedade seriam as mesmas ideias que a burguesia espalha. O capitalismo seria atingido por crises econômicas porque ele se tornou o impedimento para o desenvolvimento das forças produtivas. Seria um absurdo que a humanidade inteira dedica-se a trabalhar e a produzir subordinada a um punhado de grandes empresários. A economia do futuro que associaria todos os homens e povos do planeta, só poderia ser uma produção controlada por todos os homens e povos. Para Marx, quanto mais o mundo se unifica economicamente mais ele necessita de socialismo.

Não basta existir uma crise econômica para que haja uma revolução. O que é decisivo são as ações das classes sociais que, para Marx e Engels, em todas as sociedades em que a propriedade é privada existem lutas de classes (senhores x escravos, nobres feudais x servos, burgueses x proletariados). A luta do proletariado do capitalismo não deveria se limitar à luta dos sindicatos por melhores salários e condições de vida. Ela deveria também ser a luta ideológica para que o socialismo fosse conhecido pelos trabalhadores e assumido como luta política pela tomada do poder. Neste campo, o proletariado deveria contar com uma arma fundamental, o partido político, o partido político revolucionário que tivesse uma estrutura democrática e que buscasse educar os trabalhadores e levá-los a se organizar para tomar o poder por meio de uma revolução socialista.

Marx tentou demonstrar que no capitalismo sempre haveria injustiça social, e que o único jeito de uma pessoa ficar rica e ampliar sua fortuna seria explorando os trabalhadores, ou seja, o capitalismo, de acordo com Marx é selvagem, pois o operário produz mais para o seu patrão do que o seu próprio custo para a sociedade, e o capitalismo se apresenta necessariamente como um regime econômico de exploração, sendo a mais-valia a lei fundamental do sistema.

A força vendida pelo operário ao patrão vai ser utilizada não durante 6 horas, mas durante 8, 10, 12 ou mais horas. A mais-valia é constituída pela diferença entre o preço pelo qual o empresário compra a força de trabalho (6 horas) e o preço pelo qual ele vende o resultado (10 horas por exemplo). Desse modo, quanto menor o preço pago ao operário e quanto maior a duração da jornada de trabalho, tanto maior o lucro empresarial.

No capitalismo moderno, com a redução progressiva da jornada de trabalho, o lucro empresarial seria sustentado através do que se denomina mais-valia relativa (em oposição à primeira forma, chamada mais-valia absoluta), que consiste em aumentar a produtividade do trabalho, através da racionalização e aperfeiçoamento tecnológico, mas ainda assim não deixa de ser o sistema semi-escravista, pois "o operário cada vez se empobrece mais quando produz mais riquezas", o que faz com que ele "se torne uma mercadoria mais vil do que as mercadorias por ele criadas". Assim, quanto mais o mundo das coisas aumenta de valor, mais o mundo dos homens se desvaloriza.

Ocorre então a alienação, já que todo trabalho é alienado, na medida em que se manifesta como produção de um objeto que é alheio ao sujeito criador. O raciocínio de Marx é muito simples: ao criar algo fora de si, o operário se nega no objeto criado. É o processo de objetificação. Por isso, o trabalho que é alienado (porque cria algo alheio ao sujeito criador) permanece alienado até que o valor nele incorporado pela força de trabalho seja apropriado integralmente pelo trabalhador. Em outras palavras, a produção representa uma negação, já que o objeto se opõe ao sujeito e o nega na medida em que o pressupõe e até o define. A

apropriação do valor incorporado ao objeto graças à força de trabalho do sujeito-produtor promove a negação da negação. Ora, se a negação é alienação, a negação da negação é a desalienação. Ou seja, a partir do momento que o sujeito-produtor dá valor ao que produziu, ele já não está mais alienado.



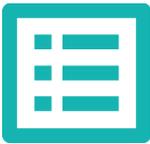
SUGESTÃO DE VÍDEO

MOMENTO DE REFLEXÃO

Sugiro que assistam o documentário da FUVEST que traz informações importantes para o nosso estudo de WEBER E MARX.

<https://www.youtube.com/watch?v=I2AZAbq1rLw> – Karl Marx

<https://www.youtube.com/watch?v=S4wcbAum40I> – Max Weber



RESUMO DA UNIDADE

O objeto da sociologia era a ação social.

O tipo ideal weberiano é a constatação de um fenômeno a partir de características mais salientes da sociedade.

O trabalho torna-se um valor em si mesmo.

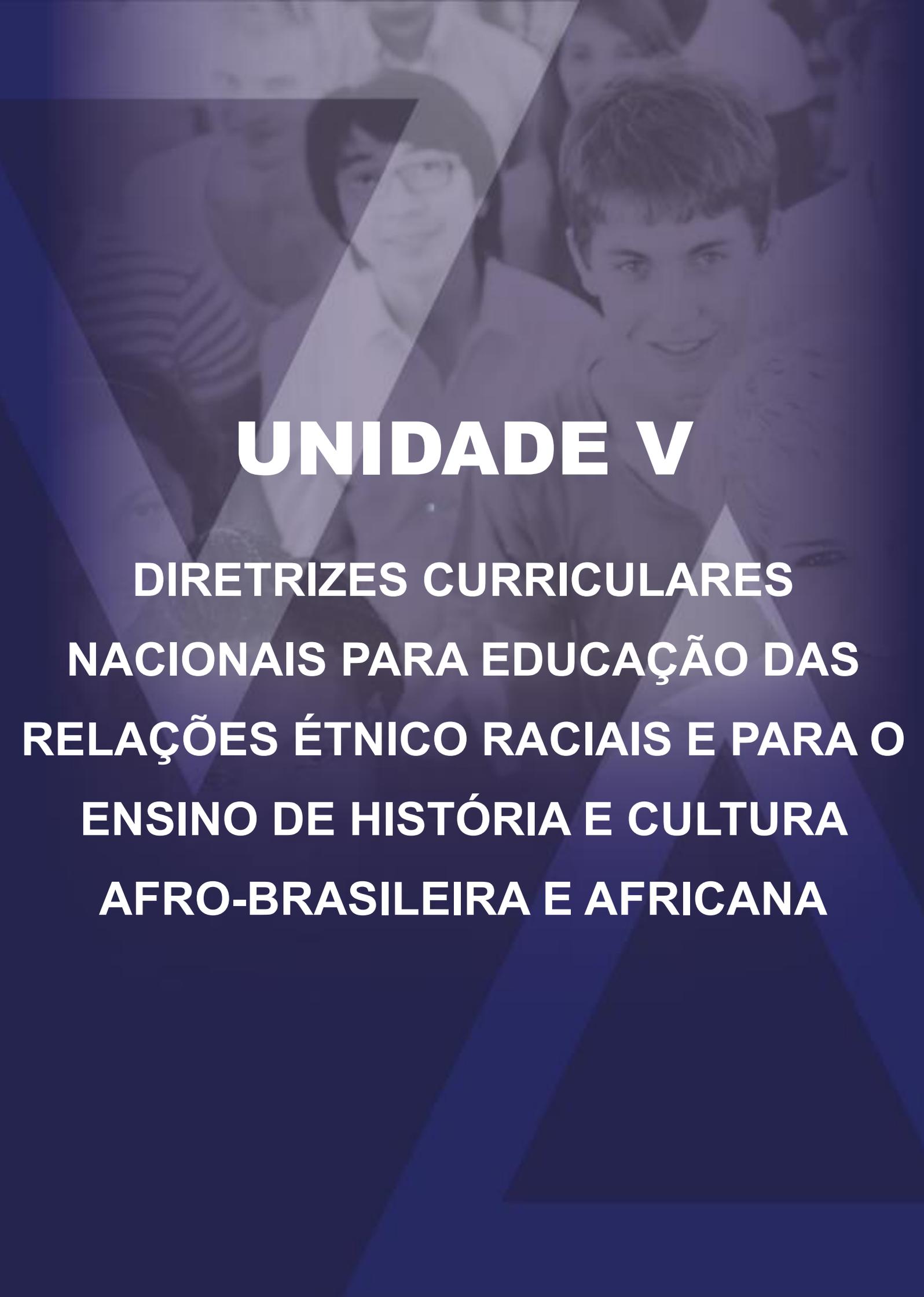
O Conceito de PODER

A dominação é um dos elementos mais importantes da ação social.

Marx:

- ✦ O choque de princípios e contrários provoca um terceiro princípio, ou uma mudança. Dialética.
- ✦ **Forças produtivas:** condições materiais de produção (matéria-prima, instrumentos, etc.)
- ✦ **Relações de produção:** as formas com que os homens se organizam pra executar as atividades produtivas (cooperativas, escravismo, servis, capitalistas, etc.).
- ✦ A sociedade capitalista é a mais discriminatória: luta de classes.
- ✦ Critica a mais-valia.

Aguardo você, no próximo módulo!



UNIDADE V

DIRETRIZES CURRICULARES

**NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO DAS
RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA
AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA**



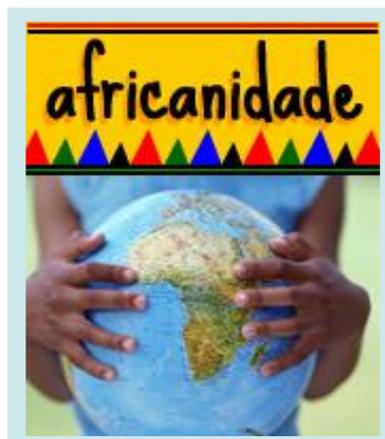
OBJETIVOS:

- ▶ Perceber a influência e a história da cultura africana no Brasil.
- ▶ Entender as causas da aplicabilidade da lei 10.639/03 como obrigatoriedade nos diversos níveis de ensino brasileiro.

INTRODUÇÃO

Entendemos que o Currículo Escolar é o local de adaptar as experiências dos alunos como meio de crescimento pessoal. Assim, o currículo escolar deve estar adaptado ao cotidiano e a realidade do aluno. Pensando por este ângulo, o grande desafio está em manter na prática docente, princípios em que o professor acredita; algo que pode contribuir para mudanças, por não ser algo neutro, mas ativo, e a sociologia não está isenta desta função.

Por ser um país rico culturalmente, no Brasil as diferenças culturais só podem ser contempladas quando a igualdade for tomada como base, mesmo que surja discriminação. Necessário, pois, ampliar o repertório de informações sobre a participação negra na cultura e na história nacional, para alargar o sentido de igualdade, não apenas pela fala, mas pela democratização da imagem e pela informação sobre a história do Brasil. (LOPES, 2004, p. 26).



A LEI 10.639/03 E SUA FUNÇÃO

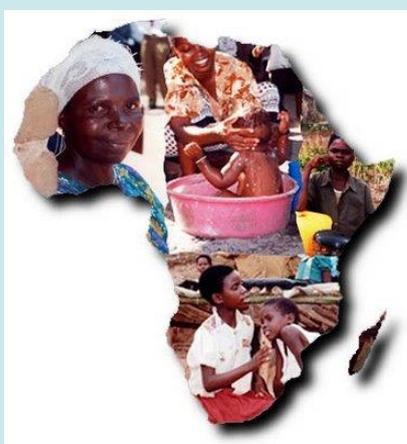
Atualmente, no meio acadêmico, os debates travados sobre a Lei 10.639/03, lei que rege sobre a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira, no âmbito de todo o currículo escolar. Observamos que ao mesmo tempo em que este estudo é fundamental para o entendimento do Brasil, temos que ter o cuidado de não reformarmos o preconceito e a discriminação.

A justificativa desta lei é legítima, pois em um país como o Brasil, no qual a maioria da população são descendentes africanos, como ver apenas a cultura do europeu como a formadora de nosso povo?

Claro que não daremos conta de um tema tão profundo aqui, mas enumeraremos alguns pontos que são importantes para o entendimento como um todo.

BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ÁFRICA

Figura 3 – Multiculturalismo



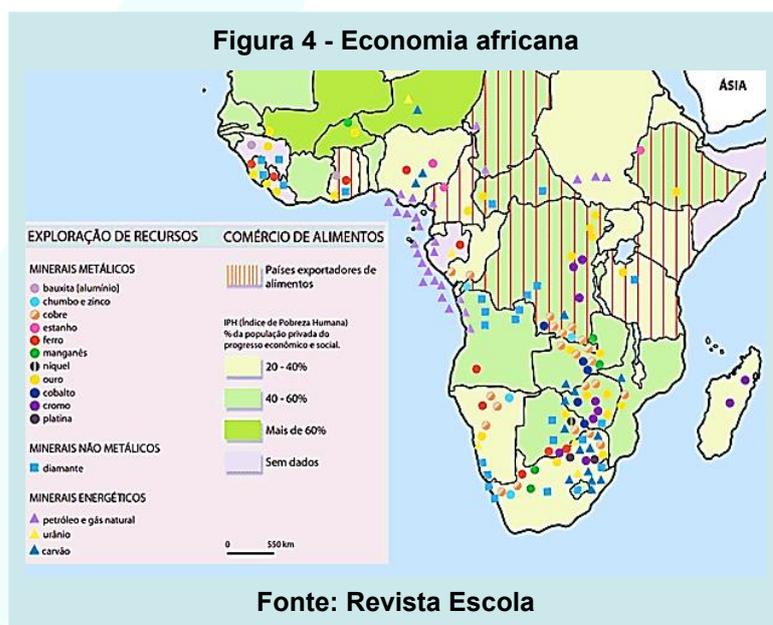
Fonte: Espaço Escolar

Caro aluno, se você se lembrar das aulas de História que teve no Ensino Fundamental ou Médio, com certeza o enfoque dado à europeização, a ideia do branco colonizador, em desmerecimento dos demais grupos étnicos, com certeza existiu. Índios e negros eram considerados classes “selvagens”, “primitivas” e o protagonista civilizador seria o branco dominador.

Porém, se formos observar os ancestrais e as pesquisas realizadas, veremos que nossos ancestrais são africanos a ponto de afirmar que a África pode ser considerada o berço da humanidade, e que a ideia da divisão humana em conceitos de “raça”, está completamente equivocada, por carecer de conhecimento biológico, constituindo, na verdade, de uma construção histórica, cultural e social, baseado em interesses de grupos.

Aconselho fazer uma pesquisa sobre o conceito de raça. Observe que o conceito foi muito utilizado no século XIX como uma forma de reforçar a discriminação e o preconceito, e aqui no Brasil teve um respaldo no Positivismo de Augusto Comte, para reforçar a necessidade do branqueamento da pele do povo brasileiro, visto que a grande maioria da população era negra.

Muito ao contrário do que se pensava, a África sempre contribuiu de maneira intensa com avanços tecnológicos da história, como a prática agrícola, criação de gado, mineração e metalurgia, etc.; desenvolvimento tão pouco divulgado. Infelizmente, conceitos mal feitos foram erigidos, repassados apenas uma África desnutrida, pobre e sem história. Apenas recentemente há uma inversão nestes valores: uma África repleta de riquezas e realizações.



A circunscrição do olhar histórico aos últimos quinhentos reforça a imagem de povos africanos como primitivos ou eternos escravos. Mas é bom que se esclareça que os africanos viveram apenas uma parte muito pequena de sua história em regime de escravidão mercantil (como a que existiu no Brasil). Durante milênios foram agentes ativos do desenvolvimento da civilização humana em todo mundo.

No Brasil, geralmente o sinônimo de escravo está ligado à cor da pele, passou a ser sinônimo de negro. Entretanto, a escravidão atingiu diversos povos do mundo, inclusive brancos europeus, e não apenas negros africanos.

O continente africano possui uma riqueza cultural muito grande, em algumas sociedades preserva-se o sistema matrilinear, nele a mulher desempenha várias funções e goza de direitos sociais, econômicos, políticos e espirituais, em outras, ainda preservam alguns rituais como o preparo para o casamento e o respeito ao mais velho.

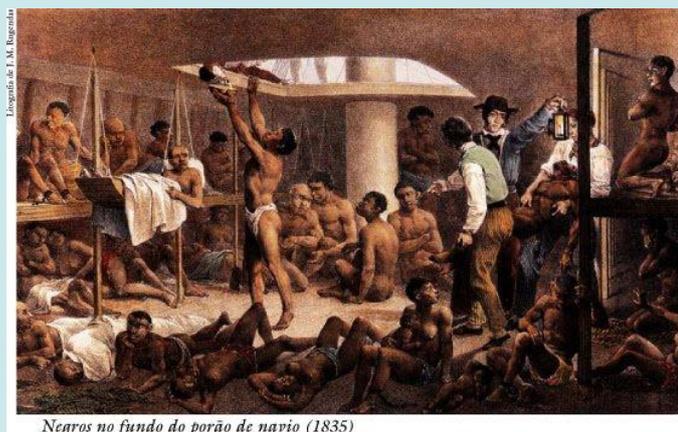
Pesquisar:

- 🚩 A diáspora africana;

- ✦ Estrutura espacial do imperialismo, a independência política no século XX e o contexto geopolítico contemporâneo.

HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Figura 5 - Navio negreiro



Negros no fundo do porão de navio (1835)

Fonte: Blogspot

Sabemos que o Brasil foi um dos maiores países escravistas do mundo. Nas Américas o trabalho compulsório constituiu-se num fato social para o desdobramento da colonização e a produção de riquezas. Porém, ao longo dos séculos XVII e XVIII, a escravidão virou sinônimo de escravidão africana. Fugas, doenças entre os escravos, conflitos entre os senhores foi cena constante. A escravidão, fosse ela indígena ou africana, estava totalmente contemplada pelo projeto escravista cristão. Enquanto isto, a pressão demográfica e o negócio lucrativo envolviam comerciantes europeus e elite colonial, que lucravam com esta exploração. (Gomes, 2002:113)

ONDE TUDO COMEÇOU?

Eram portugueses, holandeses, franceses, ingleses, etc.; que participaram a rede do tráfico, com o objetivo de angariar altos lucros. Manolo Florentino (Florentino, 1997) afirma que cerca de 10.000.000 africanos embarcaram com destino ao Brasil, entre os séculos XV e XVI, cada qual com seus costumes e seus dialetos. Tiveram, pois de criar, a partir do embarque, um novo sentido de vida e de cultura. Minas Gerais, como todos sabem, não ficou fora disso. Vila Rica, São João Del Rei, Tiradentes, Diamantina, dentre outras vilas, foram exemplos da presença marcante de africanos que eram utilizados como força de trabalho.

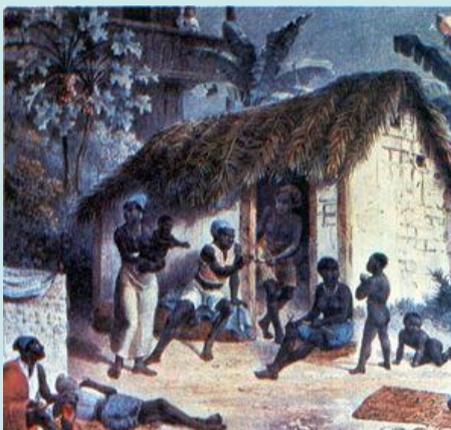
São Paulo do Muriaé não ficou isento deste comércio. Andrade (2006) pode constatar a presença de Moçambicanos, Congos e Minas em nossa região em meados do século XIX. Obviamente que por sua ocupação ser no século XIX, a presença desses escravos na Zona da Mata mineira, não foi tão intensa como nas vilas citadas acima, mas em algumas localidades, a presença de mesmo africanos e afrodescendentes foram marcantes, como em Leopoldina.

Se quiserem fazer uma pesquisa, sugiro que entrem no site do Arquivo Público Mineiro e pesquisem por “Listas Nominativas de Habitantes”, lá você poderá inclusive encontrar sua freguesia (hoje cidade) na relação destes habitantes, composto, quase sempre por brancos, africanos, crioulos (escravos nascidos no Brasil), índios e agregados.

NOVAS CULTURAS FORAM SENDO CRIADAS, NOVAS IDENTIDADES FORAM SENDO CONSTRUÍDAS

Com relação ao trabalho africano, sabemos que as formas de tratamentos podiam variar de lugar para lugar. Era comum em escravarias maiores haverem maus tratamentos, enquanto que escravarias menores, existirem uma melhoria neste tratamento. Os interesses em jogo norteavam as relações entre senhor e escravo. Mas o que se sabe é que a exploração, os castigos físicos e da coisificação estavam presentes, porém alguns escravos conseguiam certa ascensão social, como possuir sua roça e uma moradia.

Figura 6 – Senzala



Fonte: Bloospot

Em função dos maus tratamentos, muitos escravos criaram resistências, rebeliões o que culminou com a abolição da escravatura. Mas é claro que este feito foi mais uma pressão ao comércio internacional. É tanto que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão negra nas Américas, o que acabou por gerar ampla discussão entre fazendeiros, políticos, jornalistas, advogados,

cientistas, que discutiam o fim da escravidão e o destino dos ex-escravos. Claro que o pós-emancipação e escravidão acabou em se confundir, gerando certo esquecimento por uma parte da população, principalmente os grandes senhores brancos e ricos, enquanto que o escravo iniciava, mesmo que sutilmente, uma tentativa de sua aceitabilidade na sociedade. O exemplo disso são os movimentos sociais ligados aos grupos de excluídos na atualidade. Não seria interessante aos senhores reforçarem esta data, já que poderia ser uma forma de criar resistência entre os ex-escravos.

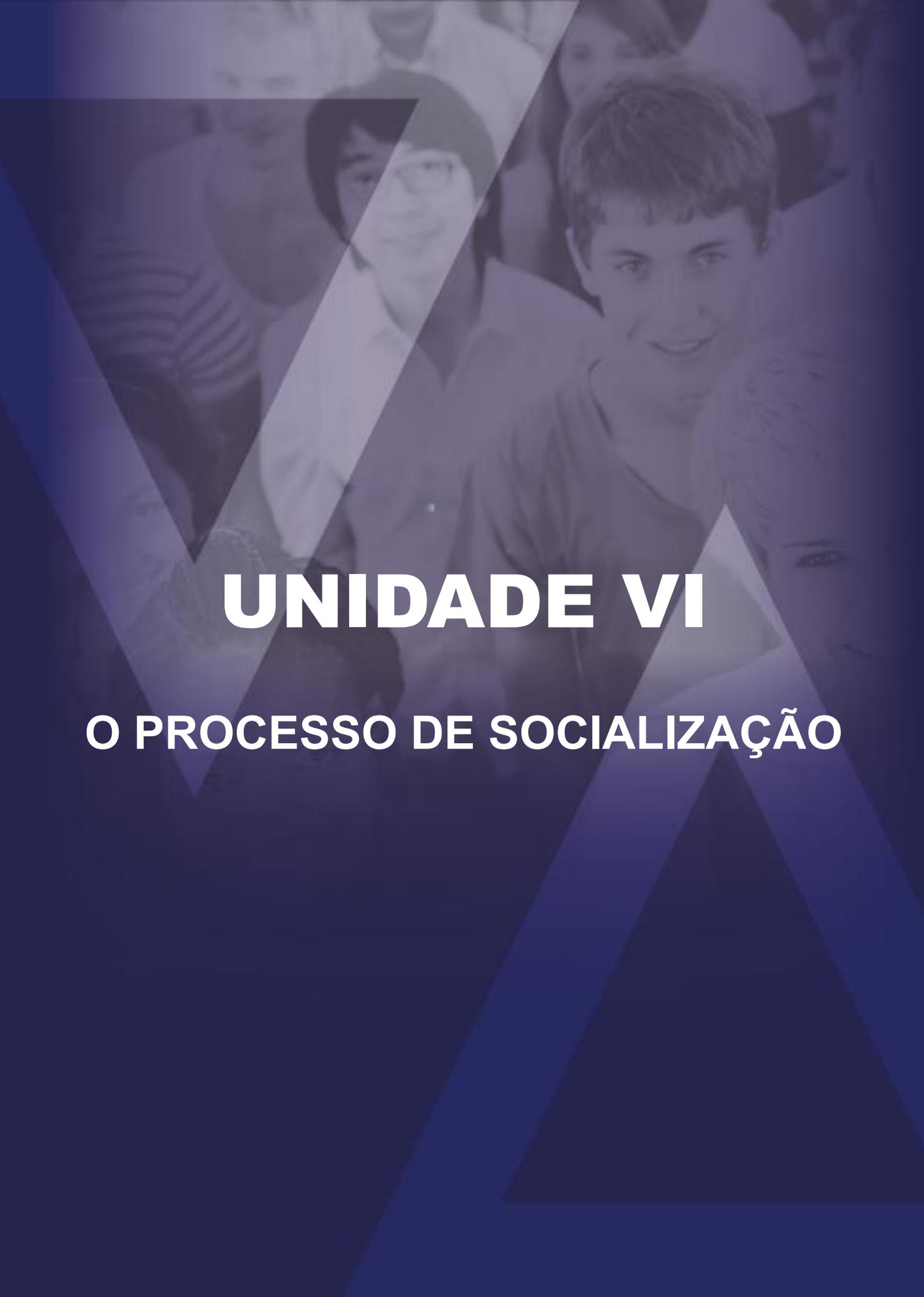
Quais seriam as adaptações dos ex-escravos à “nova realidade”? Quais seriam seus destinos? Pouco se sabia, mas na verdade que até hoje muitos descendentes afro-brasileiros permanecem à margem social.

Passados quase 120 anos da Abolição o Brasil tem uma população negra de 90 milhões de pessoas, perdendo apenas para a Nigéria, mas ao mesmo tempo está população permanece invisível, sub-representada em vários campos sociais. Observemos que o acesso ao nível superior ainda é precário, os empregos são inferiorizados, o que reforça a nítida reprodução da desigualdade e discriminação social.



REMUDO DA UNIDADE

- ✦ É obrigatório o ensino de cultura afro-brasileira no Brasil;
- ✦ A África pode ser vista como o berço da humanidade;
- ✦ Hoje o conceito de “raça” é usado erroneamente;
- ✦ Temos como pressuposto errôneo a ideia de que escravidão era praticada apenas entre negros africanos;
- ✦ Apenas um curto espaço de tempo os africanos foram escravizados na escravidão mercantil;
- ✦ A memória da abolição foi esquecida por um grupo e reforçado por outro.
- ✦ Muito ainda tem a se fazer para minimizar o preconceito e a discriminação racial no Brasil.



UNIDADE VI

O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO



OBJETIVOS:

- ✔ **Compreender a relação indissociável entre indivíduo, sociedade e cultura;**
- ✔ **Entender o que é identidade social, a partir do processo de socialização do indivíduo.**

INTRODUÇÃO

No fim do século XIX, caçadores encontraram uma estranha criatura vagando num bosque de Aveyron, no sul da França. Tratava-se de um menino, com aproximadamente 12 anos, que mais se parecia com um animal do que com um ser humano. Estava nu, sujo, mordido e arranhado. Foi submetido a diversos exames e não apresentava nenhuma anomalia grave. Andava trotando, farejava o que lhe davam, roía os alimentos, negava-se a vestir roupas e de sua boca saíam sons como grunhidos.

Nunca se soube a sua verdadeira história; se o menino foi abandonado por sua família ou se perdeu. Sabe-se apenas que viveu em completo isolamento. Primeiramente ficou conhecido como Selvagem de Aveyron. Mais tarde, o médico e educador que se encarregou de sua criação o chamou de Victor.

Os esforços de socialização dedicados ao menino foram parcialmente satisfatórios, pois, ao morrer com cerca de 40 anos de idade, tinha uma aparência normal, sabia mostrar as coisas de que gostava, sorria; porém, jamais aprendeu a falar articuladamente.

A história acima contada retrata a importância da socialização na vida de um indivíduo. É uma introdução ao tema desta unidade, que o convida a conhecer como as pessoas aprendem os significados das coisas na sociedade da qual fazem parte; como compreendem o certo ou errado, bom ou mau, feio ou bonito etc. Além disso, será abordada a forma como se dão os diferentes papéis sociais na trajetória de um indivíduo, aprendendo sobre os principais agentes de socialização e o papel deles na construção da identidade do sujeito no mundo contemporâneo.

Vamos lá!

Mas antes, para ilustrar, gostaria que você assistisse o documentário anexo, ele trará grandes reflexões sobre o tema dessa unidade.

O SER HUMANO COMO SER SOCIAL

Os homens sempre viveram em grupos. Ao nascer, o homem já encontra um grupo estruturado, com valores, normas e costumes que lhe são transmitidos pelo processo de socialização. Assim, o homem aprende a viver naquela sociedade e é aceito pelo grupo, pois ele agrega à sua personalidade individual os traços da personalidade social que são difusos. O ser social que surge é então produto deste complexo sistema de interações.

O homem é um animal que depende de interação para receber afeto, cuidados e até mesmo para se manter vivo. Somos animais sociais, pois o fato de ouvir, tocar, sentir, ver o outro fazem parte da nossa natureza social. O ser humano precisa se relacionar com os outros por diversos motivos: por necessidade de se comunicar, de aprender, de ensinar, de dizer que ama o seu próximo, de exigir melhores condições de vida, bem como de melhorar o seu ambiente externo, de expressar seus desejos e vontades.

Essas relações que vão se efetivando entre indivíduos e indivíduos, indivíduos e grupos, grupos e grupos, indivíduo e organização, organização-organização, surgem por meio de necessidades específicas, identificadas por cada um, de acordo com seu interesse.

Vivemos em diversos grupos (familiares, de vizinho, de amigos, de trabalho) nos quais interagimos e crescemos. Os mais diversos grupos sociais influenciam na vida do indivíduo. O indivíduo tem, para si, claras as características que o diferencia dos demais, como seus fatores biológicos, seu corpo físico, seus traços, sua *psiquê* que envolve emoções, sentimentos, volições, temperamento.

Então, quando estudamos sobre o indivíduo, percebemos a forma como ele organiza o seu pensamento, seu comportamento. Assim, iremos concluir que essa construção e organização ocorrem, a partir do contato que tem com o outro. Por isso, temos a necessidade de estudar não só o indivíduo enquanto ser social, mas este influenciado por padrões culturais diante da sociedade em que vive, pois a cultura fornece regras específicas. Assim, para compreendermos o indivíduo e a sociedade, precisamos entender a cultura à qual pertencemos.

MAS O QUE É SOCIALIZAÇÃO?

Para o sociólogo brasileiro Gilberto Freire, a socialização pode ser definida da seguinte maneira:

“É a condição do indivíduo (biológico) desenvolvido, dentro da organização social e da cultura, em pessoa ou homem social, pela aquisição de status ou situação, desenvolvidos como membro de um grupo ou de vários grupos.”

A socialização (efeito de ser tornar social) está relacionada à assimilação de hábitos culturais, bem como ao aprendizado social dos sujeitos. Isso porque é por meio dela que os indivíduos aprendem e interiorizam as regras e valores de determinada sociedade.

Quanto a isso, vale lembrar as palavras do sociólogo francês Durkheim, quando afirma que:

“A educação é uma socialização da jovem geração pela geração adulta”.

De tal modo, o processo de socialização é desencadeado por meio da complexa rede de relações sociais estabelecidas entre os indivíduos durante a vida.

Assim, desde criança os seres humanos vão se socializando mediante as normas, valores e hábitos dos grupos sociais que o envolvem. Observe que nesse processo, todos os sujeitos sociais sofrem influência comportamentais.

Importante notar que existem diferentes processos de socialização de acordo com a sociedade em que estamos inseridos.

Qualquer que seja a classe social e a realidade, os processos de socialização são muito diversos. Tanto podem ocorrer entre pessoas que vivem numa comunidade como entre os burgueses que habitam a zona sul dos grandes centros.

Seja qual for a cor, a etnia, a classe social, todos os seres humanos desde cedo estão em constante processo de socialização, seja na escola, na igreja, na faculdade ou no trabalho.

As consequências dos processos de socialização geralmente são positivas e resultam na evolução da sociedade e dos indivíduos. Por outro lado, as pessoas que não se socializam podem apresentar muitos problemas psicológicos, determinados, por exemplo, pelo isolamento social.

O processo de socialização vem se alterando ao longo do tempo, através das mudanças da sociedade. Note que, os processos de socialização da antiguidade e da atualidade são bem distintos, o que decorre da evolução dos meios de comunicação e do avanço tecnológico.

AGENTES DO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

Vimos que nós fazemos parte de diversos grupos sociais e que é por meio desses grupos que o nosso processo de socialização ocorre. Temos, então, como agentes socializadores, de acordo com Savoia (1989), três grupos: a família, a escola (agentes básicos) e os meios de comunicação em massa.

O primeiro contato que o ser humano tem, ao nascer, é a família: primeiramente, com a mãe, por meio dos cuidados físicos e afetivos, e, paralelamente, com o pai e os irmãos, que transmitem atitudes, crenças e valores que influenciarão no seu desenvolvimento psicossocial.

Num segundo momento, tem a interferência da escola. Geralmente, nessa fase, o indivíduo já traz consigo referências de comportamentos, de orientação pessoal básica, devido ao contato inicial com a família. Já os meios de comunicação em massa são considerados como agente socializador, diante das inovações tecnológicas na atualidade histórica, porém nem sempre eles têm consciência do seu papel no processo de socialização e na formação da personalidade do indivíduo. Na família e na escola, existe uma relação didática e, com a TV, a relação é diferente, visto que a comunicação é direta e impessoal (SAVOIA, 1989).

Os processos de socialização estão classificados em dois tipos:

- ❖ **Socialização Primária:** como o próprio nome já indica, esse tipo de socialização ocorre na infância e se desenvolve no meio familiar. Aqui, a criança tem contato com a linguagem e vai compreendendo as relações sociais primárias e os seres sociais que a compõem. Além disso, é nesse estágio em que são interiorizados normas e valores. A família torna-se a instituição social mais fundamental desse momento.
- ❖ **Socialização Secundária:** nesse caso, o indivíduo já socializado primariamente vai interagindo e adquirindo papéis sociais determinados pelas relações sociais desenvolvidas, bem como a sociedade que está inserido. Se por acaso o sujeito social teve uma socialização primária afetada, isso poderá gerar diversos problemas na sua vida social, uma vez que o primeiro momento de socialização é essencial na construção do caráter do indivíduo.

Todo esse processo de socialização que os seres humanos vivenciam está ligado à cultura do indivíduo, como também a uma estruturação de comportamentos, à medida que aprendemos e os internalizamos. Essa estruturação e atribuição de significados ocorrem por meio da interação com os outros. Isso faz com que criamos expectativas sobre esses comportamentos diante do grupo social, desenvolvendo papéis

sociais, pois o processo de socialização pode ser visto também como um processo pelo qual cada indivíduo configura seu conjunto de papéis.

OS PAPÉIS SOCIAIS

Os papéis sociais são formas de comportamento previamente estipuladas para os indivíduos de uma posição social específica.

Você provavelmente já se deparou com uma situação em que as pessoas envolvidas esperavam um tipo de comportamento de sua parte tendo como base uma característica sua. De uma mulher, por exemplo, é geralmente esperado que se tenha o que chamamos de “sentimento maternal”, uma afinidade ou desejo natural em desempenhar o papel de mãe. De um homem, espera-se o papel do sujeito corajoso e destemido, de forma que a covardia e o medo são vistos como características impróprias e dignas de zombaria. Já de um policial, por sua vez, o papel de justo e combatente do crime é atribuído a ele naturalmente. Essas características associadas a uma posição social são o que chamamos de **papéis sociais**.

Os conceitos preconcebidos que utilizamos para nos posicionar no meio social geralmente são equivalentes ao papel social que supomos ter. Para entendermos melhor, voltemos ao exemplo do policial. Comumente, considera-se que um policial possui um conjunto de comportamentos comum a todos os policiais, sem se levar em consideração as perspectivas pessoais daquele sujeito específico. As responsabilidades atribuídas a esse grupo de profissionais e que, naturalmente, espera-se que sejam cumpridas, estão ligadas a certos valores, como a ideia de justiça e honra, que são automaticamente atribuídas aos indivíduos que assumem essa profissão.

Os papéis sociais estão associados a várias outras características específicas de um sujeito. Os teóricos da **Sociologia funcionalista**, a escola de pensamento sociológico que entende que as sociedades são “sistemas orgânicos” em que as estruturas sociais trabalham em conjunto de forma a gerar estabilidade, entendem que os papéis sociais são fatos sociais.

Todavia, como já salientamos, os papéis sociais também estão ligados a pontos mais pessoais do indivíduo. Da mesma forma que esperamos um tipo de comportamento de um professor, também existem expectativas de comportamento baseadas em outros atributos do sujeito. Nessa visão, o indivíduo aprende quais são as expectativas que determinadas posições sociais possuem dentro de seu contexto cultural e passa a agir de acordo, cumprindo o papel que lhe foi designado.

O exemplo do sentimento maternal que toda mulher aparentemente deveria ter demonstra que certas atribuições de papéis moldam o comportamento dos indivíduos em sociedade. O sentimento maternal não é algo natural, isto é, nem todas as mulheres nascem com ele, pois existem mulheres que não se identificam com a imagem de mãe ou não possuem desejo algum em se tornarem mães. Dessa forma, podemos perceber que essa concepção de papéis fixos está errada. Os indivíduos não apenas assumem papéis sociais previamente concebidos e designados de acordo com posições sociais; ao contrário, os sujeitos são agentes que possuem liberdades individuais e são capazes de modificar, criar e negociar as funções que desempenham de acordo com suas particularidades.

O SENTIDO DO STATUS SOCIAL

Apesar de semelhantes, os conceitos de **status** e **papel social** definem duas coisas distintas no campo de estudos da Sociologia. Por isso, precisamos saber qual a utilidade de cada um desses conceitos e que tipo de informação eles nos repassam. Em primeiro lugar, é de suma importância apontar que tais conceitos são necessários para uma análise um tanto mais profundo da pirâmide social que organiza algumas coletividades.

A ideia de **status social** está ligada às diferentes funções que um sujeito pode ocupar no interior da sociedade em que vive. Se o compreendermos como um sujeito oriundo das classes médias, por exemplo, podemos enxergar quais hábitos, vínculos e funções que podem definir seu status no meio em que vive. Para tanto, avaliamos qual tipo de posto de trabalho ocupado, os locais de lazer frequentados, o partido político ao qual está filiado e sua posição no núcleo familiar. Para se estabelecer uma definição mais bem acabada sobre os diferentes tipos de status que uma pessoa pode ter, os estudos sociológicos costumam grifar a existência de dois tipos de status: o **status atribuído**, em que alguém ocupa determinada posição independente de suas próprias ações (como: idade, filho, irmão, etnia, raça, sexo, nacionalidade, parentesco, rei, classe social, religião, etc.); e o **status adquirido**, situação em que a pessoa age em favor de certa condição (pai, mãe, delegado, professor, médico, goleiro, juiz, advogado, cantor, escritor, etc).

Na compreensão de algumas culturas, a relação entre o status e o papel social pode nos mostrar algumas diferenças bastante interessantes. Realizando um contraponto entre duas sociedades, é possível analisar que indivíduos com status sociais semelhantes são levados a desempenhar diferentes funções. Um exemplo disso pode ser notado quando pensamos em um curandeiro de uma tribo indígena e o médico de alguma sociedade capitalista.

Enquanto o primeiro vive em contato com a comunidade e se utiliza de rituais religiosos para cumprir a função de curar pessoas, esperamos que um médico esteja em um consultório e que domine o uso de uma série de procedimentos científicos para realizar essa mesma tarefa. Assim, vemos que *status* e papel social são ferramentas teóricas de suma importância para o desenvolvimento de vasto leque de temas e objetos da Sociologia.

Concluindo, os *status* indicam às pessoas que o possuem quais são os papéis sociais que devem desempenhar. O comportamento esperado de um diretor de empresa, de um professor, de um pai, de uma mãe ou de um militar é individualmente diferente e determinado pelo *status* social.

Assim como num palco, cada indivíduo exerce um papel social seguindo um *script* de natureza social, que orienta o seu comportamento.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NO PROCESSO

A “nova era social é regulada por um universo cultural amplo e diversificado, embora fragmentado” (SETTON, 2002, p.3). Os meios de comunicação de massa, particularmente a televisão, se tornaram importantes agentes de socialização, não só de crianças e jovens, mas também de adultos. Por meio dos noticiários, novelas, filmes, seriados e programas em geral, são incentivados comportamentos positivos e negativos.

Os jovens, em especial, tendem a ser muito influenciáveis em seu comportamento, sendo incentivados pelos meios de comunicação à prática de novos hábitos e atitudes. Alguns programas, especificamente as telenovelas e minisséries, fazem parte do dia a dia dos telespectadores no Brasil. Neles normalmente os atores baseiam-se em estereótipos de grupos sociais e tendem a reforçar suas características.

Para entendermos melhor essa questão, utilizaremos o exemplo do estereótipo da mulher loira, bastante explorado como personagem ignorante, que dedica grande parte do seu tempo a atividades fúteis.

Ao longo dos tempos, nas telenovelas, minisséries e filmes da TV, os atores negros ocuparam, e ainda ocupam, posições secundárias, de menor *status* na sociedade brasileira.

Assim como a televisão, a *internet*, no papel de veículo de comunicação de massa, vem assumindo importante função socializadora. Ela permite, por exemplo, que seus usuários acessem informações do mundo todo e em tempo real, estabeleçam relacionamentos *online* e pratiquem jogos virtuais. Mas o seu uso tem se tornado fonte de grande preocupação para pais, educadores e, inclusive, autoridades policiais. O motivo é a veiculação, por exemplo, de

imagens e filmes pornográficos, práticas terroristas, jogos violentos, incentivo a anorexia e ao suicídio; além da rede virtual de pedofilia que se formou e se expande com o passar do tempo.



REFERÊNCIAS

COSTA, Cristina. **Sociologia. Introdução à ciência da sociedade.** São Paulo: Moderna, 2005.

GIDDENS, Antony. **Sociologia.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LISBOA, Aguiar Roseane. **Sociedade e Cultura.** Anima: 2014. Disponível em : <https://docplayer.com.br/58792657-Sociedade-e-cultura-roseane-de-aguiar-lisboa-narciso-aurelio-jose-da-silva.html>.

OLIVEIRA, Persio Santos. **Introdução à Sociologia.** São Paulo: Ática, 2000

QUINTANEIRO, Tânia. et. Al. **Um toque de clássicos.** Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito Capitalista.** São Paulo: Martin Claret, 2006

Figura 5: Karl Marx. <disponível: http://www.colegiosagrado.com.br/lereaprender/wp-content/uploads/2010/07/karl_marx.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2013.

Figura 6: Transformação. <disponível: http://www.colegiosagrado.com.br/lereaprender/wp-content/uploads/2010/07/karl_marx.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2013.

Figura 7: “Dinheiro na mão é vendaval” <Disponível:http://3.bp.blogspot.com/_ILPUPuE_Y9U/SgRHoXkvqFI/AAAAAAAAAD4/d2nXH6X57Xg/s320/salario.jpg>. Acesso em: 22 fev. 2013.

Texto complementar - Disponível em:< <http://www.culturabrasil.pro.br/marx.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2011.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, MariaLígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia. Um toque de Clássicos: Durkheim, Marx e Weber. Editora UFMG. Belo Horizonte, 1999.

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. (Coord.). Tempos modernos, tempos de sociologia. São Paulo: Editora do Brasil, 2010

CARVALHO, Kécia Maria de. **Sociologia.** Belo Horizonte: Anima, 2014.

DIAS, R. **Introdução à Sociologia.** 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

SAVOIA, Mariângela Gentil. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.]

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **"Papéis sociais"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/papeis-sociais.htm>. Acesso em 03 de novembro de 2019.

SOUZA, Rainer. **Status e Papel Social** ; Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/status-papel-social.htm>
<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/papeis-sociais.htm>.

SETTON, M. **Família, escola e mídia**: um campo com novas configurações. *Educação E Pesquisa*, 2002.

ANDRADE, Vitória Fernanda Schettini de. Batismos e apadrinhamentos de filhos de mães escravas. São Paulo do Muriaé, 1850-1888. **Dissertação de Mestrado**. Vassouras: USS, 2006.

FLORENTINO, Manolo. **A paz nas senzalas. Família e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790-c1850**. Civilização Brasileira, 1997.

GOMES, Flávio. História e historiografia da escravidão no Brasil: Identidades, caminhos e percursos. In: **Educação, africanidades no Brasil**. MEC/Brasília, 2004.

LOPES, Ana Lúcia. Currículo, escola e relações etno-raciais. In: **Educação, africanidades no Brasil**. MEC/Brasília, 2004.

MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. **O nascimento da CULTURA AFRO-AMERICANA. Uma Perspectiva antropológica**. RJ: Pallas, 2003.

Figura 01: África em nós. Disponível em: http://blog4.opovo.com.br/educacao/wpcontent/uploads/2009/06/africanidade_logo.jpg. Acesso em: 23 fev. 2013.

Figura 02: Cultura africana e brasileira. Disponível em: <http://www.not1.com.br/wp-content/uploads/2010/05/Cultura-Afro-Brasileira-lei-educacao.jpg>. Acesso em: 23 fev. 2013.

Figura 03: Multiculturalismo. Disponível em: <http://espacoescolar.com.br/wp-content/uploads/2011/04/historia-da-africa1.jpg>. Acesso em: 23 fev. 2013.

Figura 04: Economia africana Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/img/plano-de-aula/ensino-medio/africa-2.gif>. Acesso em: 23 fev. 2013.

Figura05: Navio negreiro. Disponível em:
<http://1.bp.blogspot.com/_MNjvTyDyXgc/TGygducYXbl/AAAAAAAAAHE/gNUODJcuBQE/s1600/escraavid%C3%A3o1.jpg>. Acesso em: 23 fev. 2013.

Figura 06: Senzala Disponível em:
<http://2.bp.blogspot.com/_HRwL2op12M/SfTY_mCV8LI/AAAAAAAAAABY/T1omtiLkQtl/s320/02Senzala_jpg.jpg>. Acesso em: 23 fev. 2013.